PARA · TODOS...

ANNO XIII — NUM. 643 — Rio de Janeiro, 11 de Abril de 1931 — PREÇO: 1$000

HENRIQUE SÁLVIO
XXXI

Concurso de contos do PARA TODOS...

O maior e o mais importante certamen organizado na America do Sul -- O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz

A literatura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um trintennio. Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os escriptos que jazem sob a poeira das gavetas os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo, ergueriamos uma verdadeira torre de Babel de bôa literatura.

A literatura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencafual-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. Elle já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quer sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da nossa empresa, publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TODOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer trabalhos literarios, ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como, ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com a "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral; b) citem nominalmente qualquer pessôa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já tenham sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro *enveloppe* fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concurrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em *enveloppes* separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concurrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade dessa empresa, durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão em qualquer de suas revistas: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra qualquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

10ª — Todo trabalho concurrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre.

PREMIOS

CONTOS SENTIMENTAES		CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES		CONTOS HUMORISTICOS	
comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, religioso.		comprehendendo todo o enredo de acção, mysterio, tragedia e sensação.		comprehendendo todo o assumpto de genero comico e de bom humor.	
1º collocado	500$000	1º collocado	500$000	1º collocado	500$000
2º "	300$000	2º "	300$000	2º "	300$000
3º "	250$000	3º "	250$000	3º "	250$000
4º "	150$000	4º "	150$000	4º "	150$000
5º "	100$000	5º "	100$000	5º "	100$000
6º "	50$000	6º "	50$000	6º "	50$000
7º "	50$000	7º "	50$000	7º "	50$000
8º "	50$000	8º "	50$000	8º "	50$000
9º "	50$000	9º "	50$000	9º "	50$000
10º "	50$000	10º "	50$000	10º "	50$000
11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.		11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.		11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	
16º ao 30º collocado — 1 assignatura de qualquer das seguintes publicações: "PARA TODOS..." "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.		16º ao 30º collocado — 1 assignatura de qualquer das seguintes publicações: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.		16º ao 30º collocado — 1 assignatura de qualquer das seguintes publicações: "PARA TODOS..." "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO PARA TODOS..."

iniciado no dia 21 de Junho de 1930, encerrar-se-á, definitivamente, no dia 20 de maio de 1931, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas, e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para todos..."

RUA DA QUITANDA, 7 — RIO DE JANEIRO

PARADOXAL

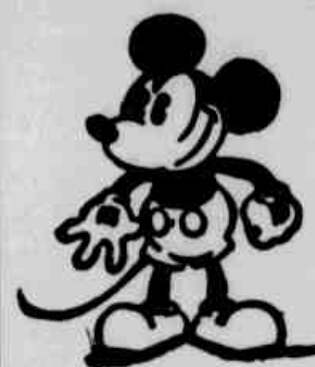
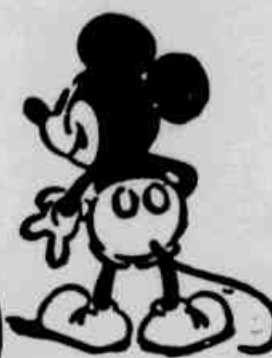
— "De um mêiz, p'ra cá, tenho andado
duente, que... hóme! Nhô Cardim,
p'ra mim, isto é mau-oiado
que sapecaro ne mim.

Sinto o corpo esbandaiado.
Me dóe o estamego, o rim,
a cacunda, deste lado...
Quar!... Vae vê que eu tô no fim!

— Bão Jesús de Pirapora!
Cumo mecê tá agora,
que é só duença! Mais, co effeito!...

Mecê, nha Chiquinha Grude,
deve tê munta saude,
p'ra sê duente desse geito!"

(S. Paulo)

FONTOURA COSTA

Realizou-se, domingo 22 de Março, o baptisado da galante Nilsa, filha do Sr. Seraphim do Couto Pereira e D. Isaura Picanço da Costa Pereira. Serviram de padrinhos o Sr. João Picanço da Costa e Exma. esposa, D. Judith Barreto Picanço da Costa.

MOMICE

Ella estava fantasiada de "miss". E tinha dentro dos olhos um doido desejo de ser alegre.

Elle estava fantasiado de "indifferença" e tinha dentro do corpo a esquisitice de uma alma de poeta.

(Ha sempre um poeta e uma "miss" em todos os carnavaes deste mundo...)

No casaco delle uns confettis accidentaes aborreciam-se de tedio. E dos labios della desenrolavam-se risos alegres como serpentinas...

Encontraram-se.

Elle sorriu a custo. Ella conseguiu ficar séria um instante. Depois, foram juntos, e andaram por todo o carnaval. E como poeta, elle foi dizendo uma porção de coisas, cheias de indifferença. Ella, como "miss", ia sorrindo por tudo... Depois elle calou-se, e começou a pensar, passadistamente: — Pierrot, Colombina... Arlequim. — A sua Colombina era immensamente encantadora; pela cidade havia Arlequins, por todos os lados; e elle teve medo do ridiculo de ser Pierrot...

Na primeira confusão de gente ella ficou sózinha. Desorientada, andou procurando-o uma porção de tempo, com os olhos apertados de dor.

E o poeta indifferente, que nunca mais poude esquecel-a, sentiu numa pequenina felicidade a vaidade de julgar que não se tinha deixado enganar...

S. Paulo, II — 1931

DARCIO M. F. FERREIRA

Concurso de Contos do "PARA-TODOS"

Toda a correspondencia sobre este concurso é respondida diretamente pelo redactor encarregado.

Algumas cartas, entretanto, vindo sem o endereço necessario do consulente para resposta, serão contextadas aqui.

JOÃO DE CASA (Ouro Fino, Minas) — Se o seu trabalho foi enviado em Junho de 1930, está extraviado. Pedimos que nos envie outra copia.

LUSKA (Porto Alegre, R. G. Sul) — O seu conto está extraviado. Queira nos enviar tambem outra copia.

"A REFORMA"

Com este titulo, o nosso collega João Castaldi está editando, ás segundas-feiras, na vizinha capital de São Paulo, um vibrante semanario, de critica, doutrina, combate e esportes, prehenchendo, assim, uma lacuna ali notada por muitos, mormente depois da Republica Nova ter dominado a Nação.

Bem apresentado, de optima clichérie, formato portatil, collaboração escolhida e magnificamente impresso, "A Reforma" apresenta-se para vencer, como vencerá, continuando assim.

Nossas felicitações pela iniciativa.

O papel do Gymnasio Bittencourt da Silva no progresso educacional de Nictheroy

A creação do Departamento Feminino

Nictheroy, a pittoresca capital do pequeno Estado do Rio, orgulha-se presentemente, em possuir um modelar estabelecimento de ensino primario e gymnasial, comparavel, pelas suas magnificas installações ou pela natureza do ensino adoptado, aos melhores da metropole.

Trata-se do Gymnasio Bittencourt da Silva, estabelecimento que vem prestando, ha annos, e com o melhor exito, um auxilio poderoso ao desenvolvimento cultural da terra fluminense.

Mercê do espirito empreendedor do seu dedicado director, o Dr. Bittencourt da Silva, o Gymnasio, que anteriormente apenas possuia internato e externato para meninos, e uma secção feminina que bem depressa se tornou insufficiente, pelo numero sempre crescente de matriculandas, viu-se na contingencia de ampliar o seu raio de acção, creando um Departamento Feminino, admiravelmente organizado e dirigido pelas religiosas da Congregação do Amparo.

Esse novo estabelecimento de que se orgulha Nictheroy presentemente, está installado em predio amplo e arejado, ao centro de grande terreno, na rua Tiradentes, 17. Tal qual o Departamento Masculino, que abriga centenas de jovens, o novo Departamento possue internato e externato, dirigidos por professoras dedicadas e competentes, de sorte a preencher, agora, uma lacuna que tanto prejudicava as moças do interior.

As amplas salas de aulas são dotadas do apparelhamento mais moderno, possuindo gabinetes completos para os estudos de Physica, Chimica e Historia Natural.

O Gymnasio Bittencourt, pela sua efficiencia comprovada, está fiscalizado pelo Governo Federal, equiparando-se consequentemente ao Pedro II.

Dest'arte, iniciando ha bem poucos annos a sua obra benemerita e educacional, o Gymnasio Bittencourt desfruta hoje, sem favor algum, as honras do melhor e o mais organizado estabelecimento de ensino da capital fluminense, graças ao trabalho persistente e admiravel do professor Bittencourt da Silva, uma das glorias do nosso magisterio publico.

Um grupo de alumnos do modelar Gymnasio Bittencourt da Silva

A ARTE não é moral nem immoral.

Só as cousas verdadeiras são immoraes.

E a verdade em arte não existe.

A verdade é a falta de imaginação da vida, a arte uma intenção.

E o artista exprime a belleza que crea e não a belleza que vê.

A verdade não tem suggestões.

Quem é sincero dá sempre a impressão de que não sabe enganar.

Assim é a verdade.

A verdade não sabe occultar.

A arte é uma creação dentro de uma imitação.

E o retrato da vida só é immoral na propria vida.

A belleza em arte é a emoção.

E a forma é a emoção na arte.

Ser real é ser vulgar.

A vulgaridade é a negação esthetica da arte.

A vulgaridade é a vida.

A arte pode ser real sem ser vulgar.

A arte é sempre puramente creadora.

Crear é antecipar.

Mas, na vida, a arte é perfeição, ás vezes imperfeição.

Uns vêm na arte a fórma que se faz emoção, a côr que se transforma em harmonia... a espiritualização esthetica da vida na suggestão objectiva da belleza.

Outros vêm na arte a propria vida.

Vêm na forma núa, que palpita numa expressão de immortalidade e de vida, a belleza pagã... immoral.

E sentem o grito da carne na immaterialidade da arte.

A perfeição está na propria imperfeição.

Ser perfeito é ser incontentado.

O artista nunca realiza integralmente o seu sonho.

Fal-o, mas sente e vê a mutilação de sua obra.

A perfeição vive apenas na belleza immortal de sua ficção.

Aderbal de Paula e Salles

O Mosteiro de S. Bento

Trecho de jardim. — Mosteiro de S. Bento.

EZ horas... Implacavel relogio... Lá se me fica em meio o "Cyrano de Bergerac"... Relia-o eu, agora, não sei por que vez, tantas me tem enternecido a desgraça a que um feio nariz arrastou tão linda alma. Mas tenho de escrever. E já.

E' assim que, fechado o livro, tomo da penna, para, ainda sem bussola nem rôta, rumar, ao acaso, por entre o passo perigoso de meter nesta chronica algo que se refira ao Mosteiro de S. Bento e sua Igreja.

Não conversarei da fundação da Ordem Benedictina, ali mais para o principio da nossa éra do que para a actualidade, lá muito para o remoto anno de 528, sobre o Monte Cassino, "lugar onde o tronco principal do Apennino se volve, e prolonga um ramo pela vasta planicie da Campanha, e onde se domina um horizonte que chega até ás aguas do Mediterraneo".

Não lhe examinarei as vicissitudes nem a gloria, os lamentaveis eclipses nem a victoriosa irradiação pelo mundo em todo esse longo perpassar de seculos e seculos.

Não me demorarei no primeiro mosteiro da Ordem que o Brasil viu erigir-se, em fins de 1500, na cidade do Salvador, na Bahia.

Não me deterei, tampouco, com o levantamento de outro mosteiro da mesma Ordem, aqui nesta muito leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, ainda ao decahir daquelle primeiro seculo da nossa vida historica, em local, doado por Manoel de Brito e seu filho Diogo de Brito de Lacerda, onde até agora se encontra.

Não me retardarei na substituição da primitiva Igreja pela que hoje existe, cuja construcção, começada em 1638, só nove annos depois foi concluida; nem nos damnos pelo Mosteiro soffridos, em 1711, quando, improvisado em fortim pelo padre mestre Fr. Pedro de S. Thomaz, castigava, valentemente, a posição que Duguay Trouin, para bater a cidade, occupara na Ilha das Cobras; nem do incendio que, em 1732, destruiu grande parte da edificação; nem na vida daquelles que, por seus trabalhos, por sua sabedoria, por suas virtudes; ali deixaram nome immorredoiro; nem nos grandes serviços prestados pelos monges, sob tantas fórmas benemeritas, entre as quaes a do ensino, que tem permittido a muitos que ali o receberam occupar lugar de relevo na sociedade.

"Chorus" e altar mór da Igreja de S. Bento.

Tudo isso e muito mais já está, com a maior proficiencia e minucia, dito em bello livro de mais de tresentas paginas, de grande formato, optimamente impresso em magnifico papel, com muitas gravuras, devido á sabia penna do eminente Sr. Ramiz Galvão.

O meu fito tem, pois, de ser outro. E nem podia deixar de o ser.

Deu-me um dia para visitar a Igreja de S. Francisco da Penitencia no Morro de Santo Antonio.

Subi, então, e fui vel-a e o Convento que lhe fica ao lado. A Igreja é um deslumbramento. E' igreja douro. Fascina.

Do Convento pouco vi. Só me foi dado penetrar até a linha de defeza. Cheguei apenas aonde póde chegar a gente de saias curtas. A impressão que trouxe foi tal em mim, que, logo, tratei de provocar; naquelles que só conhecem a igreja proxima para os domingos de cansaço ou de pressa, a da Matriz da Gloria para o retrato nas revistas, e as de S. Francisco de Paula e da Candelaria para as missas por defuntos de alta roda, a

A entrada da Igreja de S. Bento.

Um dos pulpitos da Igreja de S. Bento.

S. Bento

curiosidade para os requintes de arte e riqueza que ficam ali naquelle morro, a cujo sopé, no Largo da Carioca, passam e repassam, diariamente, sem nunca saber do que lá em cima está.

Foi dahi que, com proposito semelhante, para a de N. S. do Monserrate me senti attrahida.

No fim da rua 1.º de Março, á beira da Guanabara, e a cavalleiro da Ilha das Cobras, numa collina, de onde se visa a barra, e, em vasto sector, desde a Urca, pelo Pão de Assucar, até ao fundo da bahia, lá para os lados da Penha, se descortina o bello panorama da costa fronteira, esbatido no fundo grandioso das montanhas, apontando para o Céo o Dedo de Deus, eleva-se, em linhas purissimas de encantadora singeleza e magico poder de evocação a Igreja que eu procurava, a de N. S. de Monserrate, com o seu Mosteiro.

Quem entra no templo, involuntariamente se ha de recolher, por momentos, em si proprio. Foi o que me aconteceu. Aquella architectura severa e aquella esculptura maravilhosa são artes para o sentimento, não para os sentidos. Tudo ali impelle uns ao arroubo mystico, outros ao devaneio melancholico. Ou a alma até Deus, ou a alma até á saudade, até ás dores das penas de hoje, até ao medo das de amanhã.

Na Igreja de N. S. do Monserrate não é só, como naquella de S. Francisco da Penitencia, no outro morro, o ouro que encanta, é tambem o negror do jacarandá, em primores de talha, que subjuga e commove.

Sabe-se que a oratoria sacra é das mais faceis, porque conta sempre com um meio sympathico. Mesmo o incréo naquelle ambiente de respeito e de devoção sente-se mais ou menos suggestionado. Assim devem ser todas as outras artes dos templos — a musica, a esculptura, a architectura. Mas a que lá está, na Igreja de N. S. do Monserrate, mesmo vista de fóra, como se verá nas gravuras que aqui vão, e que dizem o que eu não saberia dizer, póde revelar sua grande belleza, independente de qualquer predisposição.

Custou-me deixal-a, tão bem me achava eu ali. Mas faltava-me ainda o Mosteiro.

Neste, foi como tinha de ser. Não passei da linha negra. Ainda que com maior pesar. E' que a emoção com que vim da Igreja me punha a imaginação em alvoroço. Trouxe-me immenso desejo de adivinhar tudo que a meus olhos se escondia lá dentro. Entrei, então, a fantasiar figuras austeras de monges envelhecidos — aquelles que para ali vieram trazidos por grande vocação, e, a serviço de seu Deus para salvação de sua alma, souberam conquistar um paraiso na terra; os que só na solidão daquelles claustros encontraram a paz de espirito necessaria ao fortalecimento de suas virtudes e ao proseguimento de seus estudos, de seu saber; os que lá chegaram para o arrependimento de peccados; os que, sob aquelles tectos vetustos, representaram o ultimo acto desse drama ou comedia de todos os dias, que quasi nunca acaba em mosteiros e conventos, e naquelles grossos muros de velha alvenaria sepultaram o erro de uma grande estima que fôra mal correspondida (o que é peor do que não correspondida), o desacerto de uma grande affeição, ao menos, o grato recordar de qualdessas que não têm, por consolo, nem, quer cousa, de qualquer acto, de qualquer manifestação em que viva a certeza de alguma realidade no que o delirio creára...

Portões de ferro — seculares — na Igreja de S. Bento.

Altar — Igreja de S. Bento.

Claustro — Mosteiro de S. Bento.

Parte da nave — Igreja de S. Bento.

Não me era permittido ir além. Sahi.

Logo, em baixo, proximo a um andaime, do qual, por prudencia, me afasto, se me depara um homem cujo nariz lhe deformava o rosto, e, de prompto, na mente se me desenha a figura de Cyrano, que, ha pouco, deixei, ainda com vida, na comedia de Rostand, á qual aquelle encontro me fizera voltar.

Por que, não foi, em seguida ao combate de Arras, o gascão heroico esconder, num capuz de frade, o infortunio do seu nariz?

Perderia a unica ventura, a de, todos os sabbados, levar á Roxana a "gazeta falada" mas a vida lhe teria sido outra, e, ao fim de algum tempo, outra, a felicidade.

ALBA DE MELLO

IRMÃO MORTO

AURELIO PORTO

A Fernando de Abreu, memorando o cavallo gaucho, morto na chacina da Victoria.

Symbolo legendario do Pampa,
não baterás mais, um gesto altivo e forte,
as patas firmes, na planicie escampa!

Tropeçaste na morte,
tendo ainda, talvez, no olhar selvagem, cheio
de familiares recantos de querencia,
o rútilo esplendor das ardentias do pago.

Não realizaste o anseio
indefinido, vago,
que te dava a consciencia
da propria força e da tua alma estoica.
Tombaste numa ingloria chacina,
e, não, como outrora, á frente, na arrancada das cargas
dos ginetes gentis da velha terra heroica,
emquanto pelas quebradas um écho de victoria clarina.

Ficaste estendido. Largas
ancas immoveis. Era assim que ficavam, na immobilidade
da morte, como plasmados no bronze votivo,
os teus irmãos heroes,
no poema redivivo
da sua heroicidade,
sob faiscamentos de sóes
do Pampa, estendidos nos campos de batalha.

Na vitrea retina,
estampada, talvez, no momento supremo,
ficou-te, lidador das pugnas sangrentas,
ao crepitar intenso da metralha,
a paizagem divina
dos verdes pagos distantes,
illuminada pelo zigzaguear dos relampagos
das fuzilarias crepitantes.

Na ultima evocação das verdejantes planuras
onde corrias, nas loucas disparadas das cargas de lança,
— arremessos doidos de bravuras, —
ao descer as coxilhas da morte, talvez, da lembrança,
nos recessos reconditos, te passasse
o hallucinante estridor dos entreveros,
pelas canhadas fundas que cruzaste,
cavalgado por audacias de gaucho
que, aos teus passos ligeiros,
aos recontros indomitos levaste.

E o audaz cavallariano,
o velho campeador
que traz dos farroupilhas,
alçado para o céo, o pendão tricolor,
confiante no brio da tua estirpe nobre
no velho sangue audaz que em tuas veias corre,
confundindo sua sorte com tua sorte,
cheio de heroicidade,
arranca para frente, nas coxilhas,
levando-te comsigo á liberdade,
ou, sereno, comtigo despenhando-se na morte.

As tuas patas fecundantes germinam,
no Pampa verde, cheio
de harmonias extranhas,
audacias que culminam
em phantasticas façanhas,
num lendario esplendor de bravuras sem par.
Tão grande se crê que tuas patas,
creadoras de mythos legendarios,
são feitas para oblatas
á terra em que nasceste: — rincões
verdes, sangões fundos, extraordinarios
recantos de amor, vastos taboleiros,
verdes oceanos revoltos, empedernidos, vibrando
na musicalização dos arroios ligeiros,
que passam — te lambendo as patas varonis.

E pelas noites de lua, emquanto o pago dorme,
e a voz dos silencios deslisa nas taperas mortas,
teu relincho percute na quebrada enorme,
como o echo de uma saudade,
evocando verduras de querencia
na grande soledade,
na dormencia
do luar que deslisa pelas tapéras mortas,
onde os velhos umbús põe tarjas de saudade.

Lá, no Pampa distante, cavalgando o teu dorso,
confundindo-me comtigo,
foste mais do que amigo,
foste meu irmão.
Tuas linhas viris,
humanizadas pela intuição
da bravura sagrada,
meu bagual de outras éras,
fizeram-te integrar á gauchesca gente.
Compartiste comnosco as glorias do passado,
heroicamente;
dorme, symbolo sagrado,
legendario do Pampa,
não baterás mais, rumo da querencia,
as patas firmes na planicie escampa.

* * *

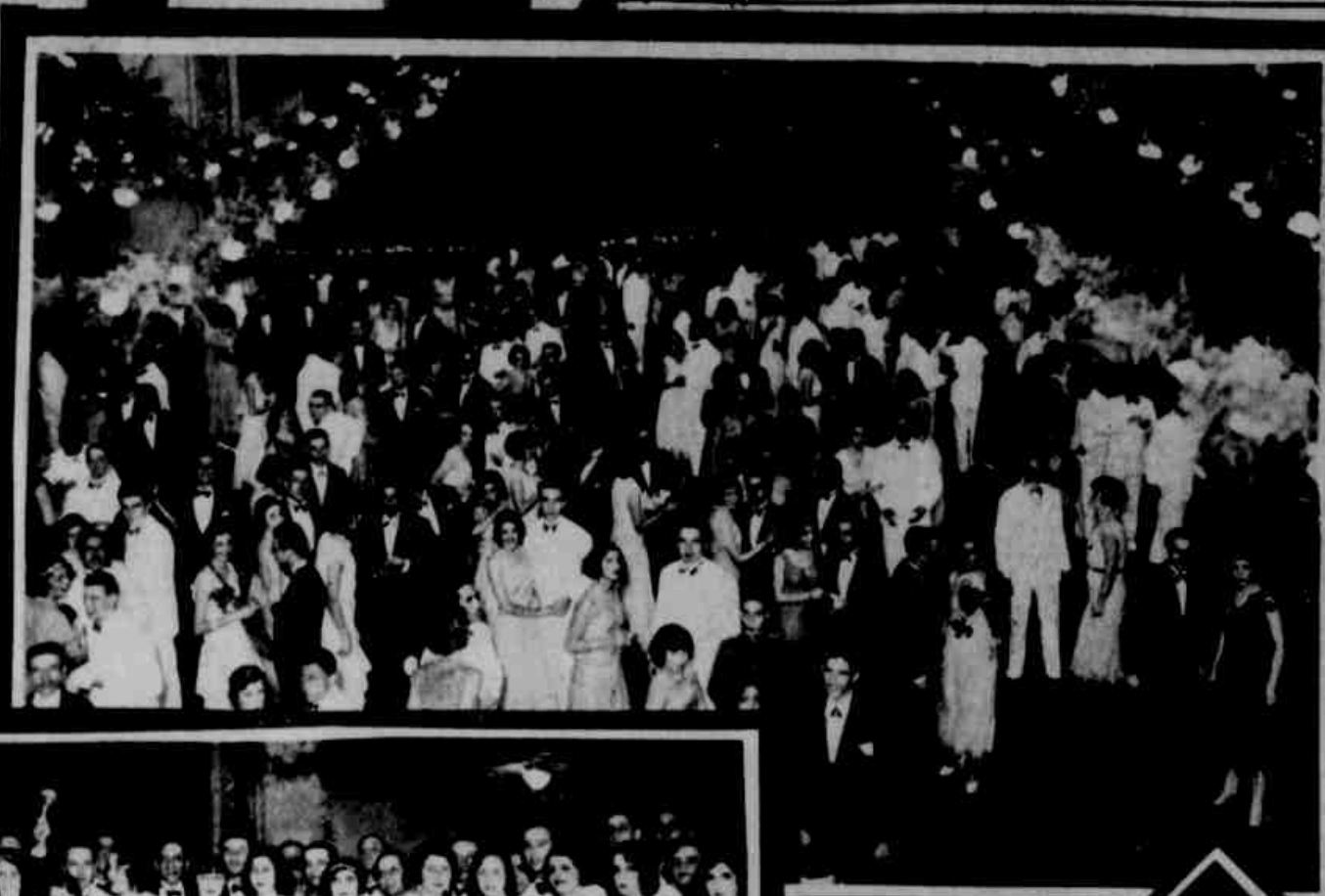
Tombaste. Nós morremos assim,
em nossa terra amada,
mas, morremos sonhando, juntos, abraçados,
num abraço sem fim.
E quando um dia, passados
annos a fio, num desvão de restinga,
nossos ossos branquejam, confundidos, dispersos
ao sopro do minuano, somos como um symbolico avat
das bravuras da raça, a cantar,
em epicos clangores, em versos
intraduziveis, epopéas de guerrilhas,
lanças refulgentes, ás tuas patas, brilhando
como raios que passam, se entrecruzando,
sobre o verde tapete das coxilhas.

Itapemerim (E. Santo), 15-2-30

SABBADO DA ALLELUIA

Dois instantaneos da vesperal infantil no Fluminense Football Club

No baile do Club Nacional

No Club Gymnastico

Outro aspecto do baile no Club Gymnastico

No baile do Orfeon Portuguez

BAILES

No Club Internacional de Regatas

MIGALHAS...

Altas horas um bond passava, fazendo alarido, na noite silenciosa...

Os dois unicos passageiros pareciam dormir.

Eu começava a cochilar.

Por uma paradoxal incoherencia o bond deixava de correr nas ruas desimpedidas que teimosamente estaria correndo em pleno dia quando as ruas estivessem atravancadas de carros, gentes, mendigos...

Despertei então a um solavanco do bond.

A luz clara das lampadas contrastava impressionante com a escuridão da noite.

Meus olhos ainda entorpecidos do somno começaram a adquirir lucidez.

Os dois passageiros haviam descido sem que eu me apercebesse.

Um relogio, de uma torre longinqua qualquer, dava duas preguiçosas badaladas...

Eu fiquei pensativo vendo os mil e um objectosinhos atirados ao solo, no assoalho do bond, como cadaveres de objectos que tiveram vida...

Uma flor atirada a um canto attrahira a minha attenção: parecia exhalar um perfume extranho para mim; mais além um alfinete, uma ponta de cigarro mal fumado; acolá um pão doce ordinario com signaes de dentinhos...

UMA FLOR ATIRADA A UM CANTO...

E' naquella hora mysteriosa que os pequeninos nadas, os restos, as migalhas parecem falar. —

Eu tomei a flor atirada a um canto, passando-a cuidadosamente na palma da mão: a flor não havia sido pisada, mas apresentava signaes indeleveis de uma mão nervosa...

Esta flor innocente estaria talvez destinada a alguem que não apparecera...

E era assim nervosamente atirada de lado...

ALÉM UM ALFINETE...

Accessorio necessario aos vestidos de festa por acabar...

E para coaptar partes sem costura. —

Elle tambem alli estava esquecido.

Teria cahido, com certeza, da golla do **paletot** de João que, ao pôr do sol, costumava ir á casa de Consuelo para conversar...

Consuelo, a flor dos cortiços, teria entrado naquelle momento, na sala cheia de gente, com uma flor quasi emmurchecida, gritando, com um piscar d'olhos:

Quem terá um alfinete para mim?

E, João solicito, todo radiante, ter-se-ia levantado para dal-o a Consuelo...

Instantes depois ficava rubro de vergonha por não estar com o alfinete e ter dado um grito bem alto para ser o primeiro a servil-a..

Consuelo, a menina dos olhos de sonho, teria gosado uma nova victoria...

UMA PONTA DE CIGARRO MAL FUMADO...

O cavalheiro elegante, amigo do turco das prestações, naquelle momento teria tomado o bond.

Com toda elegancia teria tirado uma carteira (linda carteira de cigarros, virara e revirara antes de guardal-a porque uma linda pequena estava a seu lado). —

Teria dado umas fumaradas, feliz.

A senhorita que ia a seu lado descia naquelle momento e teria derrubado o seu cigarro...

Um sorriso amargo de delicadeza ter-se-ia estampado em seu rosto...

Aquelle unico cigarro que guardara para fumar na occasião propicia, cahira desastradamente nas primeiras fumaradas...

E lá estava elle com cara de vontade mal satisfeita, estampando o rosto do dono...

ACOLÁ UM PÃO-DOCE ORDINARIO

A mamãe teria ido fazer uma visita á amiguinha.

Com chapeu de feltro ordinario e vestido tingido...

Juquinha batera o pé e teria ido tambem.

Na volta a fome o teria atormentado e a mamãe tivéra que comprar, ás pressas, porque o bond chegava, um doce qualquer: pão-doce.

Na primeira dentadinha o bolinho teria cahido no canto em que se encontrava...

Juquinha teria teimado em apanhal-o, mas a mamãe não teria permittido, dizendo: "é feio"...

Longinquamente o relogio da torre batia agora duas e meia...

A estas horas Juquinha estaria saboreando em sonho o seu rude bolinho que as convenções sociaes não lh'o permittiram á luz do dia...

Assim, uma voz extranha parecia falar.

Pensei que deveriam ser as almas das pequeninas cousas que penavam áquella hora...

A alma das migalhas...

Helio Key

ELISA COELHO

Cantadora do Brasil. Ella descobre as coisas bonitas da nossa terra. Inventa-as de novo na sua sensibilidade, na sua vóz, dá uma vida differente ás palavras e ás musicas, e tudo fica sendo della.

(Desenho de Flavio)

O ASSASSINO . . .

CONTO DE NELSON RODRIGUES

ESCANCAROU as janellas. Logo teve a impressão de que o céo entrava e de que o quarto se enchia de estrellas. Veio numa onda de vento o perfume de todas as flores do jardim. As luzes, accesas, deram a Lauro a impressao de que a cidade estava no meio de uma espantosa primavera de cyrios. Os telhados das casas reverberavam á lua. O ar palpitou como um seio.

Raphael, já deitado, falou-lhe:

— Bem. Vou dormir. Não te deitas? A tua cama é essa. A proposito, amanhã vou te emprestar umas roupas. — E' disso que eu preciso. Dorme em paz. Daqui a pouco me deito.

A's vesperas de praticar o acto supremo, Lauro sentiu uma necessidade inelutavel de recompor sua vida.

* * *

Primeiro, a infancia, sem nada de notavel, a não ser a morte dos paes, quando elle mal completara 8 annos. Até aos 27 annos viveu na casa do tio, que o tratava sem ceremonias, a ponta-pés. As perseguições que então soffreu, as humilhações continuas, os castigos corporaes, tornaram-no fraco, covarde, amolleceram-lhe a dignidade. Incapaz de uma attitude franca, elle dissimulava o rancor, á espera de uma opportunidade onde pudesse realizar os desejos de vingança. Um bello dia encontrou o tio, o algoz, dormindo, podre de bebedo, a baba escorrendo da bocca. Eis a occasião esperada. Armou-se de um pau, descarregou terrivel golpe na cabeça do ébrio. Logo o sangue correu; a victima contorceu-se e cêdo se immobilizou, como morta. Lauro não teve duvidas: matara o tio. Era fugir. Antes, porém, esvaziou o cofre da casa. E veiu para o Rio. Aqui, depois, soube que sua victima não morrera: uma commoção cerebral apenas. Salvaram-na da morte. A intelligencia é que ficou, para sempre, mergulhada em trévas. Lá estava o tio, idiota, a babar como uma criança, olhos extinctos, um trapo humano.

Na capital, Lauro temeu que a justiça o perseguisse. Mas ninguem suspeitou delle. Conheciam-no, na provincia, como um pobre diabo, passivo, incapaz de uma revolta, com vocação declarada para martyr. "Typo do santo", diziam. O certo é que não o incommodaram. O medo de uma requisição da policia de lá, dissipou-se naturalmente. Eil-o na rua, no torvellinho das multidões, á procura de trabalho. O dinheiro roubado exgottava-se. Vida infame de cara, a da metropole. A fome já se approximava, pavorosa. Alarmava-o a ameaça de ficar sem tecto e disputar, todas as noites, um canto aos cães sem dono. Não lhe sorria a perspectiva de participar da legião dos esfomeados.

Então, tropeçou com as primeiras difficuldades, quasi invenciveis. Todas as portas se fechavam. Ouvia, a cada passo, desaforos, soffria humilhações, riam-se delle ou mostravam uma piedade ultrajante. A principio, respondeu a desaforos com desaforos, quiz brigar. A necessidade, porém, o tornou flexivel, humilde, torpe. Diariamente, pedia, insistia, supplicava e muitas vezes chorava. E fazia menção de ajoelhar-se. Inutil. O paiz estava em crise. Casas solidas falliam. Uma situação de panico. Viu-se perdido, só, absolutamente desamparado no mundo. Os egoismos assanhados, ao redor, pareciam vedar-lhe qualquer possibilidade de exito. A dona da pensão, antes solicita e amavel, vivia atraz delle, rosnando, exigindo o aluguel, ameaçando com despejo. Uma megéra, a tal dona da pensão! Elle promettia attendel-a brevemente, alludia a uma mesada fabulosa, a um negocio d'outro mundo que t e r i a, prompto, solução. A' noite, no quarto, o seu desespero era atroz. A situação mostrava-se insanavel. Chegou a pensar no suicidio. Uma bala que lhe estourasse o cerebro e lhe concedesse a bemaventurada serenidade da morte. Era o unico remedio possivel. Ou pedir esmolas, cynicamente. Por que não pedir esmolas? Não havia logar para melindres numa situação asphyxiante como a que atravessava. De resto, dignidade alguma resistiria á fome. Roubar? Sentia-se incapaz de arrostar os riscos da empresa. Reconhecia-se pusilanime. Soffria de terrores infantis, as trévas tinham mil braços a estrangulal-o. O perigo allucinava-o. Pois então, era mendigar, sem rubor. Mendigou. Não pedia, quasi, dinheiro. Apesar de tudo, o dinheiro o humilhava. Preferia que lhe dessem pão, carne ou qualquer alimento. A esmola sahia-lhe menos amarga. Que lhe importava o sol ou a chuva, o desconforto, o frio que que cadaveriza? Nada disso o angustiava senão a fome, a tragica fome, que sopra fogueiras devoradoras nas entranhas, que enche o cerebro com um clamor de cratéra — clamor de fogo e de lavas! Expulso da pensão, lá foi elle, de casa em casa, a pedir esmolas e com tanto desembaraço e naturalidade, como se até ahi não tivesse conhecido outro officio. Realmente, não sentia vexame, não via degradação, onde só havia a necessidade inexoravel que varre as resistencias tolas do pudor e do orgulho.

* * *

Ahi conheceu Raphael, mendigo como elle, da mesma idade, quasi. Um solitario por coacção dos factos não rejeita uma companhia. Lauro, cujo isolamento era forçado, ficou enthusiasmado com a amizade que lhe apparecia, em bôa hora. Fizeram-se amigos. Raphael era de uma alegria luminosa de barbaro. Optimo companheiro, assim. Passaram a dormir juntos, numa casa em ruinas, esplendido commodo. A' noite conversavam amplamente, faziam mutuas confidencias, fumando as pontas de cigarros que haviam colhido no asphalte. Raphael tinha idéas violentissimas: "Assassinar para roubar", dizia, "eis um crime perdoavel, natural mesmo. Porque ahi o individuo mata para vencer". Lauro sorria, vexado pelo cynismo contundente do amigo. No fundo achava-o intelligente, quasi culto, conversador habil e espirituoso. Bom r a p a z. Intratavel, porém, quando expunha suas theorias subversivas. "Diz isso", desculpava Lauro, "para impressionar".

Em pouco os dois formavam um par de amigos incomparavel. Tinham plena confiança um no outro. Amavam-se.

Uma noite Lauro chegou tarde ao ponto onde se encontravam sempre. Não viu o companheiro. "Atrazou-se tambem", disse de si para si. E ficou esperando, emquanto comia. Mas, as horas passaram. O outro não apparecia. Meia-noite. Nada. Lauro experimentou uma inquietação horrivel. Amanheceu. E nada. Presumindo mil desgraças, prisão, atropelamento, lançou-se á rua. Durante o dia não obteve a menor noticia do amigo. Que teria succedido? Uma ausencia tão prolongada era, na vida dos dois, um facto inédito. O caso tornava-se alarmante. A' noite, o mesmo. O homem parecia definitivamente perdido. Novamente Lauro se viu só, desamparado, numa lugubre solidão. Pela primeira vez, desde que estava na capital, pensou na vida que vivia, ingloria, esteril, degradante, erma de ideaes, sem um anhelo desses que são a energia dos formidaveis impetos da intelligencia. Na provincia, quando no gymnasio, alimentara ambições de gloria, celebridade. Desenvolvera-se nelle, em tal periodo, o desejo de fazer uma obra, deixar um sulco profundo e luminoso de actividade. Entretanto, ao envez de trabalhar para a realização das ambições antigas, pedia esmolas, sem se aperceber da degradação em que cahia, sem ver o escarneo do seu papel. Mau grado as censuras que dirigia a si mesmo, porém, não podia deixar de se reconhecer o que era de facto: um pusilanime, que falharia sempre na hora da execução. Amplo no conceber, talvez. Mas, sem nenhuma qualidade de realizador. Era um vencido, seria sempre um vencido, condemnado a ser totalmente offuscado, incapaz de impor a sua individualidade. Via-se absorvido pela multidão e não sabia reagir contra a multidão absorvente. Como invejava as individualidades vigorosas, autonomas!

A ausencia do companheiro, cuja solidariedade o confortava, commoveu-o profundamente. Pensou no que poderia ter acontecido ao outro. Desastre? Lembrou-se de ir ao necroterio. Nada. Na assistencia, tão pouco. Talvez fosse preso. Mas, sobre isso não havia com quem se informar. Assim sendo, desistiu de procurar mais, optando por ficar esperando. Animava-o a esperança de que o amigo voltasse, um bello dia, inesperadamente. E foi o que succedeu.

* * *

Horas antes Raphael reapparecera, mas tão modificado que deixou Lauro boquiaberto, num assombro parvo, nada comprehendendo. Vinha flammejante: barbeado, com

um terno irreprehensivel, sapatos reluzentes e novos, gravata original e linda, chapéo e bengala. Uma figura de principe. Ficou desfrutando o espanto interminavel do antigo companheiro.

— Tiraste a sorte grande? interrogou Lauro, mal refeito do assombro.

— Nada disso. Arranjei, simplesmente, um negocio soffrivel. Depois te conto. Agora, vamos para o meu quarto. Sabes? Vaes morar commigo.

— Morar comtigo? Isso é sério?

O outro riu, divertido. Se era sério? Serissimo:

— Basta de conversa. Já é tarde. Vamo-nos.

Raphael estava morando numa pensão do Flamengo. Entraram sem ser vistos. Quarto esplendido, arejado, cheio do aroma do mar. Duas camas largas, fôfas, janellas amplas, escancaradas para o céo e o mar. Entraram sem atropello. Quadros illustrando as paredes. Orchidéas nostalgicas num jarro. Até livros!

— Você lê?

— Qual! Esses livros são para impressionar o indigena.

Accommodado numa poltrona sumptuosa, Raphael advertiu a seguir:

— Olha, filho: não me peça explicações sobre essa transformação milagrosa, que não posso dar nenhuma. Algum dia explicarei tudo. Por emquanto, não.

Lauro não sahia do seu deslumbramento. Mas ainda não tinha visto nada. O outro abriu uma maleta cheia de cedulas de quinhentos mil réis. Uma fortuna! Vinte contos no minimo.

— Vinte contos? Não. Trinta. Trinta contécos. Apenas. Que tal, hein? Mas desse dinheiro não posso dispor de um nickel no momento. Logo, sim.

Trinta contos! Foi então que Lauro teve a idéa terrivel. Idéa inesperada que o gelou. Vendo a maleta transbordando de cedulas, elle pensou no que poderia fazer com tamanha fortuna. Era o que precisava, pouco mais ou menos, para se installar na vida e no mundo, para romper a muralha de má vontade e intolerancia opposta aos que começam. Miseravel como se encontrava, rôto, sujo, nunca se elevaria. Mas, com aquelle dinheiro, venceria facilmente. Possuia intelligencia. Faltava-lhe apenas o dinheiro, esse elemento de exito, que não falha, movimentado por mãos habeis. Uma amargura enorme o invadiu. Mais do que nunca doeu-lhe a consciencia da baixeza de sua posição. Aquelle dinheiro nunca lhe pertenceria. Assim, o seu destino já estava traçado: seria, como até ahi fôra, um membro do exercito immenso dos vencidos. Valor nullo. Desappareceria sem deixar traços de sua passagem obscura pelo mundo e pela vida.

Agora, mais do que antes, o seu desejo era vencer, impor-se, sobrelevar, attingir a um plano superior. As antigas ambições ferveram. Pensou: "E se eu me apossasse desse dinheiro?" Como, porém? Era impossivel. Só roubando. E roubando seria fatalmente denunciado por Raphael. E preso. Além disso, o roubo em taes condições seria uma infamia, uma traição ignobil ao amigo que o acolhera, cheio de bonhomia confiante, generoso, desavisado. Portanto, elle, Lauro, continuaria na mesma miseria, indigno de um logar sob o sol. "E' preferivel a miseria á uma infamia dessas." "E se roubasse?" Mas, seria denunciado, o que inutilizaria o roubo e o encerraria num carcere. O carcere! Mil vezes a miseria ao carcere! Em confronto com a prisão, o peor supplicio seria bemdicto! Havia, ainda, um meio, um meio só que o enriqueceria, sem riscos de processo ou encarceramento. Para isso, no entanto, era imprescindivel commetter um crime hediondo, para o qual não havia perdão, nem attenuantes possiveis. O meio: matar Raphael.

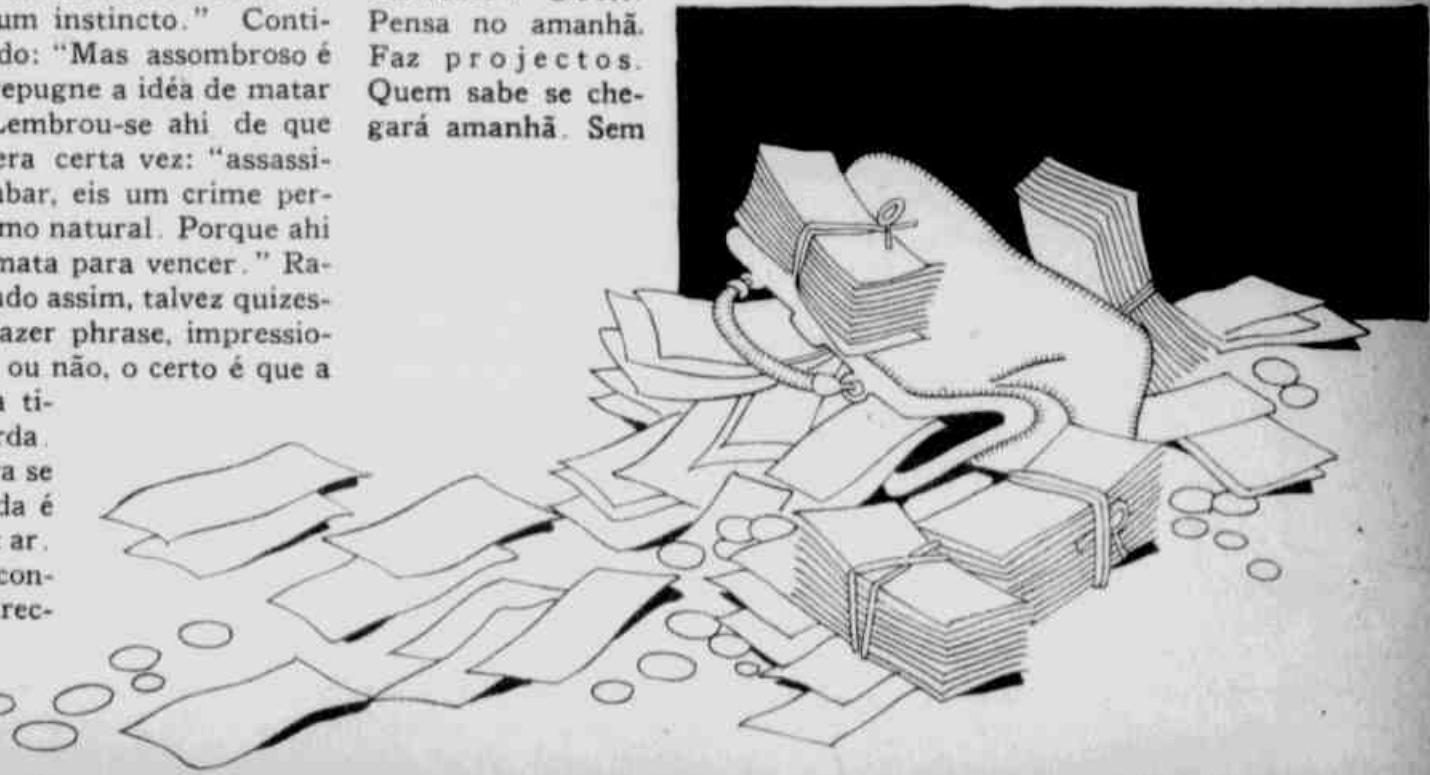
Lauro teve medo das proprias idéas. Enlouquecera? Como podia abrigar semelhantes pensamentos? Bastára a vista do dinheiro para modifical-o áquelle ponto? Insensivelmente armava um plano de homicidio. Era horrivel! Sempre lhe parecera impossivel matar alguem. Já uma vez tentara matar o tio.

Havia ahi, porém, um motivo, ou, antes, uma attenuante. O tio torturava-o barbaramente. Era o seu algoz. No presente caso, entretanto, cuidava de ferir o amigo pleno de confiança, que lhe prestava soccorro. Esquecido do beneficio, preparava meios de eliminar o bemfeitor, para enriquecer. Evidentemente o dinheiro o transtornava por completo. Lembrou-se do que lera num livro de psychiatria, quando no gymnasio provinciano. Segundo o psychiatra, o que mata é um criminoso nato. Não é a offensa ou o interesse que o induz ao crime, mas uma tendencia natural, muitas vezes insuspeitada, para o assassinio. Porque nenhum homem normal mata um semelhante, ainda que seja gravemente offendido. Isso dizia o psychiatra. Lauro pensava: "serei um assassino nato? Sob o pretexto de interesse estou apenas attendendo ao instincto homicida, cujo desenvolvimento integral exige, agora, o acto eliminador? Estarei obedecendo a uma tendencia natural para o crime?" Depois, entretanto, tranquillizou-se: "E' claro que não farei uma infamia dessas. Mas, se fizesse, faria unicamente por interesse, pensando no dinheiro. E não attendendo a um instincto." Continuou pensando: "Mas assombroso é que não me repugne a idéa de matar Raphael." Lembrou-se ahi de que este lhe dissera certa vez: "assassinar para roubar, eis um crime perdoavel e mesmo natural. Porque ahi o individuo mata para vencer." Raphael, opinando assim, talvez quizesse apenas fazer phrase, impressionar. Sincera ou não, o certo é que a opinião nada tinha de absurda. De facto, para se vencer na vida é preciso matar. Mata-se inconsciente e indirectamente, mas, mata-se: "O dono da fabrica, para vencer, matou uma infinidade de operarios e entisicou-lhes, á força de trabalho, os filhos e as filhas. Cada progresso de sua fabrica representa a ruina de outras fabricas, a fallencia de muitas firmas e um prejuizo para a collectividade. Quantas miserias e mortes correspondentes não semeou, sem que, nem por isso, lhe conturbasse o espirito o minimo remorso?" Quem quizer salvar-se, perde os outros. O instincto de conservação obriga-nos a supprimir o maior numero possivel de adversarios: "o triumpho de um commerciante causa a ruina economica de uma multidão. A maioria dos suicidios têm, como unico motivo, difficuldades economicas. Se eu não me aproveitar dessa opportunidade, nunca serei senão um vencido. E' a ultima opportunidade. Vence quem não se detem em considerações idiotas. Não matando agora, eu não obedeço a um sentimento natural, mas a um preconceito imposto, a uma convenção estupida. Natural será que eu mate, porque ahi attendo ao sentimento do amor proprio, ao instincto de conservação. Em resumo a minha situação é esta: ou mato ou me aniquillo: para sobreviver, tenho que assassinar. O homicidio deixa de ser crime, quando é um acto de defesa propria. E eu fosse outro homem, forte e energico, teria outros meios para vencer. Mas sou um covarde: mais dia, menos dia, serei esmagado. Não tenho com que resistir á adversidade. A miseria faz-me bater o queixo de pavor. Se não me servir dessa occasião, estou perdido. Matarei?" Mas uma duvida o salteou ainda, mau grado as razões accumuladas: "Serei um criminoso nato? Serei, acaso, victima de uma fatalidade pathologica? Não. Um louco não sabe que está louco. Se eu fosse um anormal, mataria sem motivo. Além disso, não raciocinaria como raciocino. Estarei raciocinando direito ou arbitrariamente? As razões que apresento a mim mesmo serão tolas, iniquas? E' o dinheiro que me tenta. Se não fosse o dinheiro eu não mataria. Com esse dinheiro vencerei. Sem elle me afógo."

Lauro voltou-se. Raphael despia-se. Lauro o contemplou: "Está longe de suspeitar o perigo que corre. Quantas vezes, corri, tambem, um perigo identico? Quantas vezes estive ao lado de um assassino? Sorri. Pensa no amanhã. Faz projectos. Quem sabe se chegará amanhã. Sem duvida, não. Porque se tenho de matal-o será hoje. Amanhã talvez elle retire a maleta. Mas que cousa estupida guardar tanto dinheiro em casa! Como conseguiu esse dinheiro? Roubando? Que importa?"

* *

Agora, por fim, estava debruçado na janella, prompto para o crime. Noite. Ouviu um rumor surdo no alto. Um aeroplano voava, solemne, devorando horizontes, rasgando as entranhas das nuvens, despedaçando astros, commovendo o céo, que chorou estrellas. No fundo do panorama, a amargura silenciosa da montanha. Lauro continuou monologando: "Planejo o assassinio do meu unico amigo e não soffro a menor emoção, nem o rythmo do meu coração se altera. A minha respiração é a commum. Tenho a impressão de que me não conduzo: de que uma força mysteriosa me impulsiona. E de que o meu papel é o de um instrumento inconsciente, como será inconsciente a arma que hei de usar. Vou praticar uma acção transcendental e, no emtanto, é como se fosse uma acção quotidiana." Raphael dormia. O seu somno era sereno como uma agonia. Lauro deixou a janella e lentamente se aproximou: "Dorme: posso matal-o sem que elle sinta. Já me resolvi ao homicidio e, nem por isso, pensei de que modo e com que arma. E' necessario uma arma que não faça barulho, que não lhe de tempo para gritar. E' preciso que a morte seja immediata ao golpe. Aquella estatueta servirá, talvez. Um golpe na fronte. Prompto. Estará morto. Devo proceder com calma e meticulosidade para não deixar nada que colloque a policia na minha pista. Aliás, ninguem me viu entrar. A escada estatva deserta. Tenho todas as probabilidades de exito." Aproximou-se ainda mais da cama onde o amigo dormia. Antes empunhara a estatueta pesadissima. Ficou olhando para Raphael: "Quero que elle succumba ao primeiro golpe, porque sentiria repugnancia em vibrar outros. Eis o momento culminante de minha vida. Sinto uma extranha solemnidade no ambiente. Sou poderoso como um Deus: a mim, sómente a mim, cabe dispor do destino de Raphael. Posso dar-lhe a vida ou a morte. Vou

(Termina no fim do numero).

Suas Altezas

Principe de Galles

Principe George

(Desenhos de Lula)

O amor e a vida humana

FUNDAÇÃO GRAÇA ARANHA

O canto da sala principal, chamado o "Canto do Mestre", com a poltrona onde se sentava para ler e conversar, a estante onde estavam os livros mais novos, a banqueta das revistas, pequenos objectos, quadros, o retrato de sua Mãe e o retrato de Dona Nazareth Prado, a companheira admiravel que Graça Aranha teve na vida e que é a alma da Fundação, arrumada por suas mãos como era o appartamento do edificio Milton. Só as flores são nóvas alli. O mais veiu da ultima casa de Graça Aranha e dá a illusão perfeita daquellas salas deante do mar, na praia do Russell.

O nosso Amor é infinito, elle domina o Universo, e elle fez de nós o Todo, a Unidade absoluta. Elle sobrevirá a todos os cataclysmos. Uma catastrophe universal deve vir sobre a Terra para que o nosso Amor seja invencivel, e sempre victorioso paire sobre as ruinas do mundo, como o espirito divino sobre as aguas do deluvio.

Dois annos depois desta invocação e desta previsão penetrante do mysterio da vida, a catastrophe desabou sobre o mundo. Oh! horror! Tudo o que era humano entrou num paroxysmo de destruição. Os imperios se afundaram, os poderosos foram humilhados, a terra revolta pela metralha, as florestas queimadas, o ar pestificado, as aguas perfidas, o mar, um abysmo de traição, o sangue enrubesceu o universo. E nada venceu aquelle Amor, que o sangue não maculou e o fogo que tudo consumiu, a vida e a materia, deu a apotheose da morte universal para o tornar eterno.

E sobre as ruinas do mundo paira este Amor immortal. Do soffrimento da terra elle recolheu o fremito da morte. Os dois sêres são a essencia do Universo. Elles não se extinguirão e, sobre o que pode desapparecer, a sua serenidade é absoluta e infinita. A sua Unidade é tão perfeita que tudo lhes parece espectaculo, brincos da inconsciencia suprema, jogos do destino, que a propria morte não mais é morte, e que a vida não é mais a vida. Tudo desapparece, e elles, na volupia sublime, extinguem o proprio Universo e se abysmam na divina inconsciencia.

GRAÇA ARANHA

No Rio

Em S. Paulo

Associadas do Azul-Branco Club, moças israelitas, durante a ultima festa na séde. A' direita: as directoras

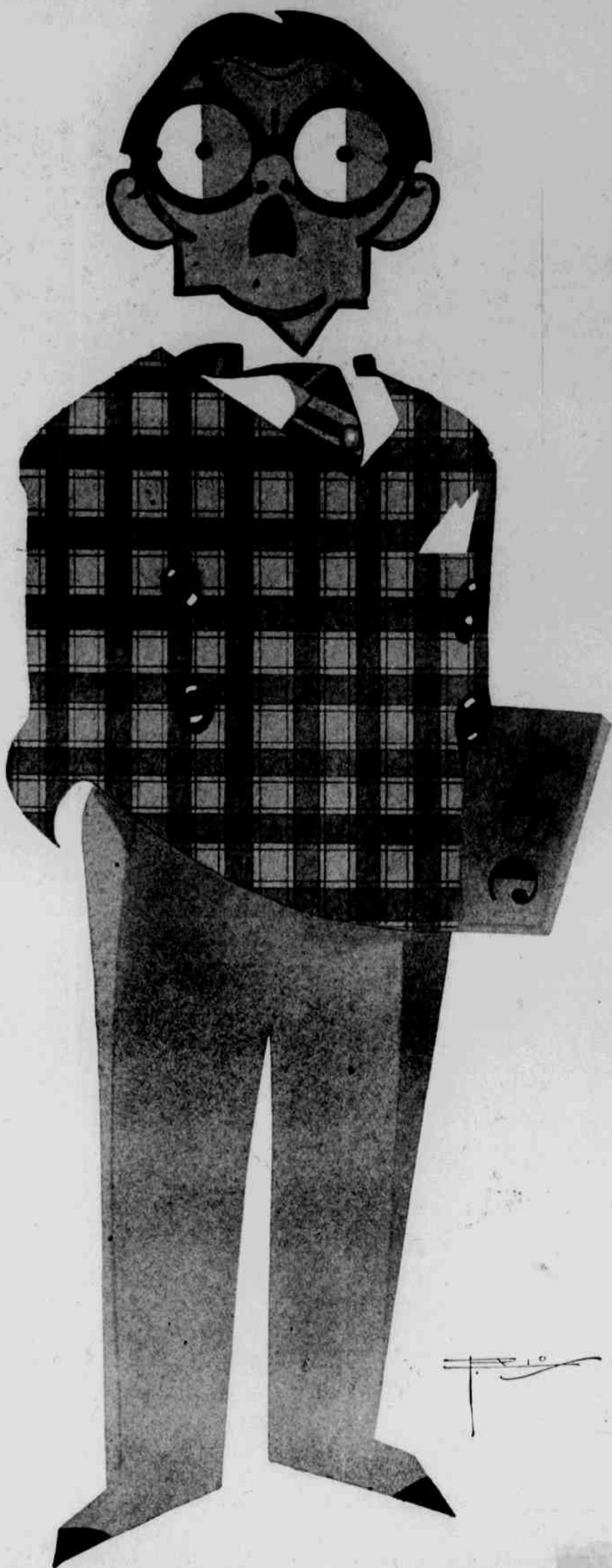
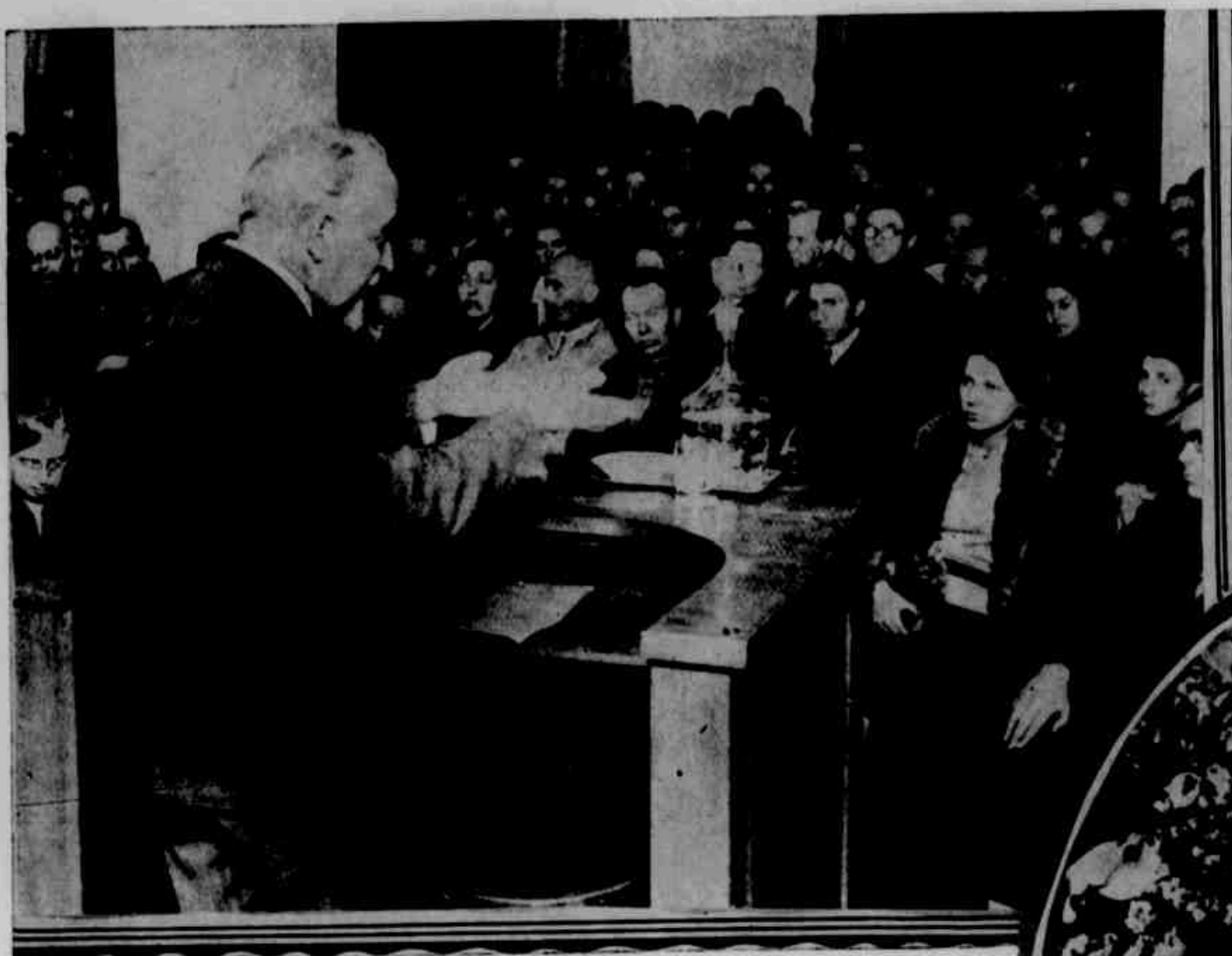
O commandante e o mestre da banda escosseza que esteve ha pouco em S. Paulo.

Em baixo: alumnas do Collegio Inglez formadas em honra dos Principes Britannicos no S. Paulo Athletic Club

Francisco Campos

EDUCAÇÃO e Saude Publica. Ministério de propósito. Um pouco metaphysico. Club de irradiações numa terra sem apparelhos receptores. Golfinho no espaço. Tem titulo de artigo de fundo, em homenagem á imprensa. Por isso o ministro usa a cabeça em caixa alta e é todo entrelinhado. Nunca vi ministro tão bem impresso! Elle pousa no governo como se o governo fosse a primeira pagina de um jornal. Mas... para que tanta confusão? O ministério está crescendo fórte, bonito. E Francisco Campos apparece assim por fóra. Por dentro vive sempre em movimento. Não é escripto, é falado. Fez discursos no Brasil velho. Falou sósinho. Descobriu, depois, que as módas mudaram. Outros pannos, outros córtes, outras roupas. Agora convérsa. Ás vezes convérsa fiado. Porque dinheiro, graças a Deus, tambem não se usa mais. É um homem intelligente, de boas maneiras, que estudou, aprendeu, não precisa de remédios. Typo do dono da sua pasta. Buddha magro, em pé. Começou a andar. Começou. Vão vêr como vae longe.

ALVARO MOREYRA

Desenho de J. Carlos

Da terra dos out

INTERNATIONAL
NEWS
PHOTOS

Fleb Krzhizanovsky, que é considerado como o autor do plano dos cinco annos para a industrialização da Russia Sovietica, e que acaba de ser nomeado Presidente do Supremo Conselho Economico, é uma das individualidades mais potentes de toda a Russia. O novo posto que elle exerce é tão importante que só póde ser comparado aos de Staline e Molotow. E' um scientista forrado de grande politico.

Jeanne Juille, que, como "Miss Gasconha", depois "Miss França", conseguiu o titulo de "Miss Europa", photographada na sua carruagem, quando passeava em Cannes, durante os Jogos Floraes que se realizaram nessa bella cidade franceza.

Photog phada p cos dias tes do casamen com o P cipe Jo de Hesse Princeza cilia, f do Princ e da Prin za André da G cia, vê-se aqui miravelmente jada por um mais celebres tureiros. O c mento realizou em Paris.

Bruno Mussolini, filho mais velho do Primeiro Ministro da Italia, Benito Mussolini, entregando o cartão de registro de um novo membro dos "balilas" ou escoteiros da Italia.

tros

Aqui temos um grande hydroplano inteiramente fóra do seu elemento e completamente desarticulado. Tem-se a impressão de que se trata de uma lancha. Na realidade, trata-se de um hydroavião. Foi construido pelas officinas de Romar para o Governo francez.

Esta photographia interessante representa a Rainha Victoria da Hespanha em companhia de cinco dos seus seis filhos. E' a mais recente que existe e foi tirada na sala-de-estar do Palacio. Todos estão de luto pela morte da mãe da Rainha Victoria, a Princeza Beatriz da Inglaterra, que era irmã do Rei Jorge V.

...hotographada poucos dias antes do seu casamento com o Principe Jorge ... Hesse, a Princeza Cecilia, filha ... Principe ... da Princezé da Grecia, ... aqui admiravelmente trajando um dos ... celebres costureiros. O casamento realizou-se ... Paris.

Federação Brasileira das Sociedades do Remo

Photographia tomada, no salão de festas do Edificio da "A Noite", durante a festa em homenagem ao Commercio Carioca, na pessoa da rainha da Mi-Carême e na dos valentes remadores brasileiros, vencedores, em Montevidéo, dos Campeonatos Sul-Americanos de Remo.

PRIMEIRA AUDIÇÃO DE ALUMNOS DO PROFESSOR J. OCTAVIANO

Elzi Abboud (2 annos de estudo)

ANNO DE 1931

Lula Neiberger (8 annos de idade, 1 de estudo)

Esther Neiberger, (4 annos e meio de idade, 6 mezes de estudo)

QUINTA-FEIRA 16 DE ABRIL, NO INSTITUTO

Weither Politano (2 annos e 7 mezes de estudo).

A Exposição Technica de Construcções

A Exposição Technica de Construcções ora installada no magestoso Palacio das Festas, á Avenida das Nações, é a demonstração mais cabal do incomparavel desenvolvimento architectonico da nossa metropole.

Espelho fiel da nossa construcção moderna, no seu aspecto verdadeiramente technico, espalham-se ahi, por todos os recantos, os aspectos mais impressionantes pela sua originalidade e belleza, evidenciando desta forma o gráo de adeantamento da architectura nacional.

Emprehendimento dos mais felizes ao qual se acham ligados os nomes acatados dos Drs. Adolpho Bergamini, Interventor do Districto Federal, Belisario Penna, Licinio Cardoso e Nestor de Figueiredo, está sendo coroado de exito inilludivel, pela affluencia consideravel de visitantes que dia a dia percorrem o magestoso e vasto recinto do Palacio das Festas, ahi examinando com interesse os seus attrahentes e magnificos "stands".

O magestoso Palacio das Festas, onde está installada a Exposição Technica de Construcções.

Aos que, por quaesquer circumstancias ainda não tiveram opportunidade de visitar esse grande certamen de construcções, aconselhamos a realizal-o quanto antes e, estamos certos, encontrarão ahi surpresas encantadoras. E não será de estranhar que fiquem maravilhados ante a belleza, simplicidade e progresso a que já chegámos nessa materia.

A residencia modesta ou luxuosa, mas moderna; o arranha-céo de linhas simples ou complicadas; o edificio commercial ou de appartamentos; a demonstração de um "bungalow" feito com espuma de cimento, tudo isso, e coisas muito mais surprehendentes, lá se encontram nos mostruarios e demonstrações para legitimo orgulho da nossa Capital.

Mas, se foram precisos na sua iniciativa os organizadores desse grande certamen e se a nossa população tem collaborado com a sua presença para o melhor exito da Exposição, necessario se torna salientar a cooperação inestimavel de varios industriaes, commerciantes, architectos e constructores que deram o melhor do seu esforço na installação de mostruarios e demonstrações.

Um aspecto parcial da Exposição

Admiraram-nos, pelas suas gigantescas concepções, seus projectos e sua grandiosidade, os seguintes "stands" de Constructores. Architectos e Engenheiros: Terra, Irmão & C., Sociedade Constructora e de Immoveis, Moura Brasil do Amaral, Monteiro & Aranha, Lar Brasileiro S. A. Gregorio Warcharchide, Francisco Jannuzzi, F. R. Moreira & C., Sylvio Aderne & Victor Hugo da Costa, Arnaldo Brune, Christiani & Nielsen, Cia. Brasileira de Immoveis e Construcções, Cia. Constructora Nacional S. A., Cia. Edificadora do Rio de Janeiro, Cia. Geral de Obras e Conctrucções (Geobra), Cia. Immobiliaria Kosmos, E. Kemnitz & Cia. Ltd., Eduardo V. Pederneiras, Empresa Mauá e Lima Netto & Cia.

Entre os "stands" de materiaes para construcção sobresahem: A. Avellar & Cia., A. Silva & Cia., Anglo Mexican Petroleum Company, Arnaldo Cordeiro, C. Albuquerque & Cia., Casa Domingos Joaquim da Silva S. A., Casimiro de Levicki, Cia. Materiaes de Construcção, Fernandes & Cia., N. Guillobel, (Insulte), Manoel Pedro & Cia. e Porto, Moitinho & Cia.

As fundições em geral são: Fundição Indigena e Fundição Americana, esta da firma Moniz & Co. Ltd., e aquella de Carvalho, Paes & Co.

Os "stands" de Ceramica são imponentes: Sociedade Industrial de Ladrilhos, Manufactura Nacional de Porcellanas S. A., Ernesto Igel & Co. e Ceramica São Caetano S. A. Os outros "stands" diversos que se encontram artisticamente apresentados na Exposição, são: Otis Elevator Company (Elevadores); Empresa Industrial de Tintas "Sardinha" e Guilherme Schlinkert (Tintas e Vernizes); Casa Lohner S. A. (apparelhos para Engenharia); Cia. Mata-Cupim S. A. (Exterminador de Cupim); David Rodrigues d'Almeida (Ferreiro e Serralheiro); Esnerio & Fernandes (Exterminador de Cupim); Lima Borges & Cia. (Fabrica de Caixas d'Agua "Ideal"); Francisco de Paiva Cardoso (Portas de grades systema "Stigler"); Meister Irmãos (Lampadas electricas automaticas de Emergencia); Nova Companhia Gambôa S. A. (Fabrica de Parafusos, etc); Pagani & Cartier Ltda. (Serralheria) e Pirelli S. A. (Companhia Nacional de Conductores Electricos).

De São Paulo

Butantan
Pavilhão da Directoria

Butatan
O edificio principal
e aspecto do jardim

Butantan

O direcor, Dr. A. Amaral, expondo aos jornalistas as grandes reformas que introduziu naquelle instituto.

Senhoras e Senhoritas que tomam parte na kermesse em beneficio das obras da Igreja de S. José.

Versos pra Você

Quando o doente está para morrer.
Quando a vida vae lentamente
se afastando dos olhos, das mãos, do coração
e o cheiro de eternidade anda no ar
lembrando o tumulo,
faz-se de repente um clarão naquela Treva,
e o doente melhora
sorri, e parece reviver,
a gente diz:

—"é a visita da Saúde...
ele vae morrer..."

Assim, meu amigo, a minha vida!
Eu que tudo tive
e que tudo perdi.
Eu que conheci na mocidade
a felicidade e a desgraça,
o riso e a lagrima,
eu que agoniso agora lentamente,
nem sentia mais o brilho da ventura
nos olhos, nas mãos, no coração,
eu — de repente te encontrei, te desejei e te amei.
Estou outra agora.
Alegre. Feliz. Despreocupada. Radiosa
E parece então que, em volta de mim,
todo mundo diz:

—"E' a visita da Felicidade...
depois ela será mais desgraçada..."

Berta Singerman em "A voz humana" de Jean Cocteau

O APARTAMENTO AZUL

COMEDIA EM 6 QUADROS DE IBRASIL GERSON

(Continuação)

UM SOLDADO **(entrando)** — Doutor, está ahi o pessoal que fez o "frege" no cabaré.

O COMMISSARIO — Mande entrar. **(O soldado sahe. A Luiz)** E depois?

LUIZ — Será o que o sr. quizer...

O COMMISSARIO — Sente-se ali. Espere um pouco.

(Entram Fausta, Vermorel, uma outra mulher e um senhor que levou uma bofetada no olho esquerdo, acompanhado de um guarda).

O COMMISSARIO **com espanto a Fausta e Vermorel)** — A sra.? o sr.?

FAUSTA **(com a sua displicencia de sempre)** — Nada de grave, dr. Foi apenas um pequeno incidente que o guarda exaggerou.

O COMMISSARIO **(apontando-lhe o olho congestionado do homem qualquer)** — Obra sua?

FAUSTA — Praticada com o maior carinho possivel, dr.

O COMMISSARIO — Que extravagancia!

FAUSTA — O sr. não diria isso se soubesse por que eu tomei essa resolução mais ou menos violenta...

O COMMISSARIO — Diga então por que foi?

FAUSTA — Por que este senhor estava dizendo, numa roda alegre do cabaré, que eu tinha sido sua amante...

O COMMISSARIO **(ao senhor qualquer)** — O sr. disse?

O SENHOR — Disse!

O COMMISSARIO — E foi mesmo?

O SENHOR — Fui!

FAUSTA — Não foi!

O SENHOR — Fui, repito, e confesso que tenho saudades...

FAUSTA — De que?

O SENHOR — Do nosso amor...

FAUSTA — Dê-me então uma prova de que houve entre nós ao menos um pouco de intimidade...

O SENHOR **(tirando da carteira um retrato e lendo, num sorriso, a dedicatoria)** "A Pedro Araujo, todo el gran cariño de Fausta"...

O COMMISSARIO — É uma prova...

FAUSTA — Apenas circumstancial...

O COMMISSARIO — Mas expressiva...

FAUSTA — Perdão, dr. Uma prova muito pouco expressiva... Uma dedicatoria num retrato não quer dizer nada. No Brasil não ha rapaz que não exhiba tambem o retrato de uma "miss" qualquer, com dedicatoria carinhosa...

O COMMISSARIO — A sra. tem razão: a prova é secundaria...

O SENHOR — Mas a verdade não é...

O COMMISSARIO — E qual é a verdade?

O SENHOR **(mostrando o ferimento)** — Esta...

O COMMISSARIO — Nesse caso, o sr. exige o inquerito? Por que não entramos todos num accordo? Dr. Vermorel, o sr. que está tão calado, que pensa deste incidente?

VERMOREL — Penso que a razão está dos dois lados...

FAUSTA **(a Vermorel)** — Porque nós tambem temos nossas contas a ajustar...

VERMOREL — Assim com tanta violencia?

FAUSTA — Com um pouco mais de diplomacia...

LUIZ **(dahi em diante começa a olhar com interesse para as mãos de Fausta)**

VERMOREL — O sr. commissario quando houve falar de vaidade naturalmente tem a certeza, como toda gente, de que ella é uma preoccupação apenas feminina. Para toda gente, a vaidade é propria da mulher. Pois ahi é que está o engano. A vaidade é mais dos homens que da mulher.

O COMMISSARIO — Como?

VERMOREL — E principalmente nos casos de amor...

O COMMISSARIO — Eu gostaria de ver justificada a sua affirmação.

VERMOREL — E' tão facil! Por exemplo: dona Fausta... Dona Fausta, senhores tem a volupia da sua belleza e da influencia que exerce ou pensa exercer sobre os homens...

FAUSTA — Pela experiencia propria que tem de dona Fausta, não diga "que pensa exercer"... Seja franco: diga "que exerce realmente"...

VERMOREL — Ou isso... Dona Fausta, muito vaidosa, tem, como todas as mulheres bonitas, um esporte muito interessante: gosta de accender desejos no coração dos homens. Provoca-os com o seu olhar feito de grandes attracções... Dá-lhes a honra de um sorriso que quer dizer tudo... Envolve-os num fio adoravel de romance... E depois diverte-se fazendo-os caminhar em torno dos seus carinhos impossiveis... Em certos momentos, dá-lhes a honra de sua companhia numa frisa de theatro, ou entontece-os com a intimidade de um chá no seu apartamento... Por amor?

FAUSTA — Para ver até que ponto chega o ridiculo nos homens...

VERMOREL — Não... Por vingança...

FAUSTA — Por vingança?

VERMOREL — Porque felizmente ha sempre, na vida das mulheres que fazem os homens soffrer, um homem que já se vingou previamente por todos os outros... Mentira?

FAUSTA — Não...

VERMOREL — Mas acontece que nos casos de amor a vaidade dos homens é muito maior que a das mulheres... As mulheres contentam-se muitas vezes, no amor, com a victoria moral. Os homens revoltam-se contra a victoria moral... Por exemplo...

FAUSTA — O senhor...

VERMOREL **(ao senhor qualquer)** — Este senhor... Este senhor ficou preso um dia

á luz dos olhos de dona Fausta. Ganhou um retrato. Esteve com ella num chá. E depois não fez mais progresso. Mas alguem, que tinha visto tudo, perguntou a este senhor: "Quem é essa mulher? Que linda!" Este senhor lembrou-se da phrase. E' ridiculo ser apenas confidente... E respondeu, com vaidade: "E' a minha nova amante... Do outro mundo, hein?". E está ahi, senhores, o motivo deste incidente... A luta que se travou entre a vaidade da mulher, na sua resistencia contra a sua queda, e a vaidade do homem, na sua ansia de provocar a queda da mulher.

LUIZ (**cada vez com mais insistencia, olha para as mãos de Fausta**).

FAUSTA (**que, afinal, repara nessa insistencia, perturba-se um pouco**).

LUIZ (**num gesto rapido, inesperado, tira um punhal qué dé cérto tarzia bém éscondido e avança para Fausta**) — Foi ella! Foi ella que me roubou!

(HA UMA LIGEIRA CONFUSÃO, VERMOREL PROCURA COLLOCAR-SE ENTRE FAUSTA E LUIZ, E RECEBE A PUNHALADA E CAHE. ENTRAM OUTRAS PESSOAS. FICA TUDO NUMA CONFUSÃO, E O VELARIO FECHA-SE RAPIDAMENTE).

6.º QUADRO — (Quarto reservado de um hospital. Tudo branco: a cama, as cadeiras, as paredes. Ao fundo uma janella aberta, atravez da qual se vê ao longe a cidade, na apotheose dos seus annuncios luminosos. Um crucifixo na parede).

VERMOREL (**pallido, abatido, está na cama e parece que dorme**).

A ENFERMEIRA (**entrando, vestida de freira**) — Bôa noite. O sr. precisa de alguma coisa?

VERMOREL — De nada, irmã. O meu telegramma ainda não chegou?

A ENFERMEIRA — O telegramma que o sr. está esperando desde hontem? Ainda não, infelizmente...

VERMOREL — Assim que elle chegue, irmã, eu quero ler. Mesmo que seja de madrugada.

A ENFERMEIRA — Fique descansado. Eu virei trazer-lhe o telegramma.

VERMOREL — Pósso fumar outro cigarro, irmã?

A ENFERMEIRA — O doutor não quer que o sr. fume mais de um por hora... Não se lembra da sua recommendação?

VERMOREL — Faz mais de uma hora, irmã, que eu não fumo...

A ENFERMEIRA — Vou accender-lhe o ultimo desta noite... Veja bem: o ultimo... (**dá-lhe um cigarro nos labios e accende-o**).

VERMOREL — Muito obrigado, irmã.

A ENFERMEIRA — Como o sr. fuma com satisfação! O cigarro será tão bom assim?

VERMOREL (**com uma infinita tristeza na voz**) — E' o meu melhor amigo da hora triste, irmã...

A ENFERMEIRA — A hora triste?

VERMOREL — A hora triste... A sra. sabe, muito bem, o que é a hora triste... Todos nós temos na vida uma hora triste... Eu sou um pouco bohemio. Talvez a minha hora triste seja differente da sua. A minha é quasi sempre de noite, depois da meia noite, quando entro ás vezes no meu quarto vasio e tenho apenas por compaheiras as quatro paredes do meu quarto... A vida ficou lá fóra, com os outros. E' a hora em que a gente se recorda de que é só e de que não tem alguem na vida. Porque a vida, irmã, se resume em alguem. Quando a gente não tem alguem que goste da gente, que é a vida? E' um vasio enorme, é uma enorme monotonia. A sra. tem alguem, na sua vida...

A ENFERMEIRA — Eu?

VERMOREL (**apontando para um crucifixo**) — Deus...

A ENFERMEIRA (**como que recordando alguma coisa passada**) — Deus!

VERMOREL — Eu não tenho ninguem...

A ENFERMEIRA — Ninguen.?

VERMOREL — Onde está então, irmã, o telegramma que eu espero ha tanto tempo?

A ENFERMEIRA — Mas já teve...

VERMOREL — Estou aqui agora por causa de alguem que já tive... E' por causa de alguem, irmã, que eu fumo este cigarro. Repare bem, irmã, nos outros homens que estão assim como eu, neste hospital: na fumaça triste do cigarro que elles fumam dansa a saudade de alguem...

A ENFERMEIRA (**dando-lhe um livro**) — Leia então este livro. O sr. está sentimental de mais. Leia e esqueça...

VERMOREL — Bernard Shaw? E' intoleravel!

A ENFERMEIRA — Mas é um dos seus autores predilectos...

VERMOREL — Intoleravel!

A ENFERMEIRA — Este outro...

VERMOREL — Pitigrilli? Não... Não quero...

A ENFERMEIRA — Leia o abbade Prevost... E' tão humano...

VERMOREL — E' horrivel esse livro, irmã...

A ENFERMEIRA — Quer uma revista? Quer um copo de leite? Quer que eu lhe conte uma historia muito bonita?

VERMOREL — Nada disto, irmã... Eu quero uma outra coisa, muito differente...

A ENFERMEIRA — Diga... Quem sabe eu lhe poderei arranjar...

VERMOREL — O que eu quero, (**aponta para a cidade ao longe illuminada**) é a vida! Olhe para a vida! Olhe como é linda! Está lá, muito longe de mim! Não sei se tornarei a tel-a em torno de mim... Tudo aquillo é a vida!

A ENFERMEIRA — E tudo aquillo não é nada...

VERMOREL — Mas é a vida!

A ENFERMEIRA — Não pense assim... Não se exalte... Poderá fazer-lhe mal... Leia um pouco e durma. Se o seu telegramma chegar, eu virei aqui trazer-lhe o telegramma.

VERMOREL — Muito obrigado, irmã. Não se esqueça.

A ENFERMEIRA — Não... Até logo. (**e sahe**).

VERMOREL (**olha com tristeza para a cidade illuminada e depois abre um livro e começa a ler, a principio com desinteresse, depois com maior interesse. Ahi começa a chegar pela janella a melodia de um tango qualquer de uma victrola distante. Elle atira o livro para longe e fica a escutar o tango e vê-se que uma saudade desfila pela sua memoria. Num impeto, toca a campainha**).

A ENFERMEIRA (**entrando**) — O sr. precisa de alguma coisa?

VERMOREL — De muita coisa, irmã! Está ouvindo este tango? Eu ha pouco lhe falei de alguem...
vir até aqui, não foi?

A ENFERMEIRA — De alguem que o fez

VERMOREL — Foi... Alguem que me esqueceu, que não me telegraphou... Mas ha muito tempo, ha um anno, houve tambem alguem na minha vida que não seria capaz de me esquecer. Foi alguem que eu esqueci... Lembro-me agora, por causa deste tango... Ella cantava tangos...

A ENFERMEIRA — Este?

VERMOREL — Tantos! Mas eu me lembro mais de um que se chamava "Tiempos viejos". Velhos tempos gostosos que a gente abandona por causa de outros novos, que quasi sempre são peores... E' de uma casa visinha que tocam, não é, irmã?

A ENFERMEIRA — De uma casa bem aqui ao lado, onde mora uma mulher bonita, que quasi não ri...

VERMOREL (**com uma voz quasi infantil**) — Peça-lhe um favor, irmã. Telephone-lhe. Diga-lhe que aqui, no hospital, está um homem só, passando em revista todas as suas saudades. Um homem que teve um romance, uma porção de romances... E que agora não tem nenhum romance... Peça-lhe que toque "Tiempos viejos", em homenagem de Consuelo... Que será feito de Consuelo? Peça-lhe, irmã... A sra. pede?

A ENFERMEIRA — Vou pedir... (**e sahe**).

VERMOREL.— Obrigado, irmã... (**a melodia do tango, vinda de longe, cessa, e Ver-**

(**Termina no fim do numero**).

Berta Singerman em "Senhorita Julia", de Strindberg.

JOÃO RIBEIRO PINHEIRO

POUCA gente tem, como este esbanjador de bellas imagens que é João Ribeiro Pinheiro, o prazer de dizer alto as suas ideias, indifferente aos inimigos que possam as mesmas lhe acarretar.

Foi assim com o seu livro de estréa "Sonata de Perola e Cinza", novella extranha, referta de paradoxos, petulante e aggressiva, de tão cheia de imprevisto e mocidade. Deu-nos depois "No Tempo das Bandeiras", romance rico de colorido, fugindo aos processos communs, tentanto realizar com o minimo de palavras o maximo de belleza. Irritou esse livro. Nem podia se dar o contrario. Tudo no "Tempo das Bandeiras" era differente: vazio de dialogos, feito numa syntaxe rebelde, innovadora, scintillante de emoção e sinceridade.

Agora João Ribeiro Pinheiro envia-nos "Historia da Pintura Brasileira". Assumpto em que até hoje ninguem entre nós teve coragem de metter-se. Assumpto ouriçado. A intelligencia de João Ribeiro Pinheiro não viu difficuldades. Estudou. Esmerilhou. E escreveu a "Historia da Pintura Brasileira" com brilho da nossa paizagem que ainda está á espera de seu pintor... Sem duvida, ao escrever a "Historia da Pintura Brasileira", vinha-lhe á ponta dos dedos o melhor de seu sangue. E' uma obra sincera. Sem mascaras. Ha paginas que são um bisturi, dissecando certas glorias... Esse livro, que colloca João Ribeiro Pinheiro cada vez mais alto entre as grandes vozes de sua geração, augmenta-lhe, estou certo disso, o numero de inimigos... E' o destino. Num paiz de gente sem ideias, quem as tem e as defende com orgulho, soffre fatalmente o que soffrem todas as arvores carregadas de bons frutos.

PASCHOAL CARLOS MARQUES

João Ribéiro Pinhéiro

Eros Volusia

E' quasi menina. Um tiquinho de gente. Mas dansa bem que dá um gosto vêl-a e applaudil-a. O theatro João Caetano, na tarde de 11 de Abril, vae ficar cheio só porque Eros Volusia realisa o seu primeiro recital. A festa, que é em homenagem ao interventor do Districto Federal o Dr. Adolpho Bergamini, tem o patrocinio da Associação dos Artistas Brasileiros. Não se esqueçam da data, da hora e do local: hoje, 11 de Abril, ás 16 horas, no theatro João Caetano. Eros Volusia, que um poeta chamou "menina-passaro", é filha de Gilka Machado, o passaro cujos cantos o Brasil inteiro sabe de cór...

P. C. M

O casal Carlos Leclerc entre amigos e parentes no dia das suas bodas de prata, depois da missa em acção de graças na igreja do Sagrado Coração.

REPORTAGEM

A' esquerda: candidatas approvadas no exame de admissão ao Instituto Nacional de Musica. A' direita: alumnas do Collegio Guanabara na Praia das Fléchas, antes da festa sportiva do dia 22 de Março. Em baixo, á esquerda: a bordo do Conte Rosso, o Dr. Antonio Buero, jurisconsulto uruguayo, consultor juridico da Liga das Nações, com o nosso collega Vivente Payá. A' direita: na Beneficencia Italiana, quando foi coroada a Rainha da Colonia.

Da outra semana

O interventor do Districto Federal inaugurando a Exposição de Archictetura.

Na Igreja dos Jesuitas.

Inauguração do Monumento Patrio no Altar-Mór de Santo Ignacio.

Inauguração do Hospital Zeferino de Oliveira.

Na Academia Fluminense quando foi commemorado o centenario de Bolivar.

Miss Universo na Exposição de Architectura.

No Pavilhão Siqueira Campos.

Saccos vazios...

Por Olympio Guilherme
Hollywood

Novembro - 1930

Pouca gente conhece a historia do Hotel Western, um hotelzinho de terceira classe, dois andares de tijolo vermelho já por varias vezes reformado. O **lobby**, visivel da rua atravez de uma enorme vitrina, offerecia um aspecto confortavel, com suas vastas poltronas de couro vermelho, lustrosas pelo uso e seu immenso tapete cor de rosa, onde centenas de anjos nus disputavam uma typa de cabellos verdes, tambem nua, que voava num céo coalhado de rosas que foram brancas e estavam agora pardas de pó e sujidade. Ouvia-se sempre boa musica de radio e a loira que se vislumbrava atraz da "Caixa" não deixava de ser uma figura decorativa.

Não era tudo isso, porém, nem o morno **lobby**, nem as poltronas macias, nem o excitante tapete ou a interessante loira o que prendia a attenção dos que, á tardinha, passavam pelo vetusto casarão do hotel situado logo ao lado dos studios Fox. O objecto da geral curiosidade eram os seus hospedes, uns typos extranhos de impossivel classificação, alguns moços, outros já velhos, que ao anoitecer impreterivelmente lá estavam, naquelle **lobby**, reunidos em silencio inquebrantavel, numa intimidade de familia pacata e honesta nos serões da provincia, digerindo a sustancia, ao pé da lareira acariciadora.

Um dia soube (por amigo que conhecia de perto todos aquelles typos) que o Hotel Western era o hotel dos "extras" de Hollywood, o hotel classico dos que nesta terra não sabem do dia de amanhã e vivem á cata de uma esperança enganadora e fugitiva, esbofeteados pelas vicissitudes do meio adverso e ingrato, soffrendo com paciencia e até com santa humilhação os golpes mais descoroçoadores da sorte — ás vezes com fome, ás vezes mesmo mal se podendo suster e mpé, com o estomago contrahido numa angustia dolorosa...

Minha curiosidade, já aguçada pelo interesse que o hotel despertava, foi assim augmentada. Hontem, á noitinha, não soube resistir á tentação de passar meia hora no convio daquella "familia".

Quando cheguei já lá se encontravam, no **lobby**, quatro typos ouvindo uma valsa de Chopin que o radio tornava ainda mais triste, escarrapachados nas velhas poltronas que não eram de couro, como eu pensava, mas de um tecido grosseiro como o dos tapetes, que pelo uso se polira. A minha entrada causou sensação. Percebia-se que elles não esperavam ninguem a não ser os freguezes de todos os dias, de todos os mezes. Um sujeito enorme e esqualido pigarreou alto e falou qualquer cousa a um rapazinho loiro que, de olhos cerrados, ouvia a musica. O pequeno encarou-me fixamente; não me havia visto entrar, com certeza, e não sabia disfarçar sua admiração.

Os outros dois individuos não se perturbaram muito com minha presença e continuaram a lêr o mesmo jornal. Eram dois typos formidaveis e horriveis, já de meia idade, de physionomia brutal, o nariz arrebentado, as orelhas de couve-flor dos boxeadores e umas attitudes selvagens de homens primitivos disfarçados em gente moderna... Deviam ser "extras" que fazem os ambientes das cavernas de bandidos e assassinos, typos estupendos para as scenas de brutalidade e violencia onde a maquillage pouco favorece a naturalidade dos actores.

Meia hora mais tarde chegam os demais membros do famoso grupo, um velhote que sempre faz papeis de Ministro de Estado, pequeno e nervoso; um francez de bigodes insolentes e cabelleira ondeada e mais dois rapazes de physionomia doentia e cavada, o mais alto, louro como uma espiga de milho, o outro, fraquinho e curvado, moreno, com um accento latino no inglez murmurando entre o cigarro que não tirava dos labios.

Minha presença, a um canto, foi ignorada em poucos minutos; todos falavam livremente, sem temores de que extranhos ouvissem suas intimidades, aquelle desabafar triste de confidencias e "segredos profissionaes".

O velho, com cara de Ministro de Estado, affirmava ao rapazinho que déra impressão de doente que a sua camisa estava mal lavada e peor passada! O que é que elle estava pensando, afinal de contas! Queria a sua roupa branca limpa, ensaboada, com boa apparencia. O rapazinho murmurou umas desculpas: que o sabão da roupa acabara havia dois dias e que elle precisava usar o sabonete de banho... O velhote exasperou-se. Lavar a rouparia com sabonete de banho era um disparate, affirmava alterado, um insulto á sua bolsa, um abuso de confiança; o outro que procurasse sabão onde quizesse, que roubasse — mas ai delle se fosse outra vez ao seu "Palmolive"! Ai! delle!

O velho tinha uma grande ascendencia sobre todos — era evidente. Ninguem protestou. O seu desespero foi ouvido em perfeito silencio pelos demais. Quando corado pela excitação, o ancião sentou-se — todos respiraram livremente. O francez, que estava á espera de um dia de trabalho na Universal, affirmou que, sem duvida, seria chamado no dia seguinte. Aquillo era certeza, certeza, absoluta, infallivel. Depois que o seu "dia de trabalho" estava plenamente garantido por uma descripção detalhada de todos os pormenores da promessa que lhe fôra feita pelo director do "casting" — o velho recebeu um pedido: o francez queria cincoenta centavos para cortar o cabello. Elle não podia ir trabalhar com aquella guedelha, podia? Eram só cincoenta centavos, elle que considerasse, e era como um emprestimo de honra: no dia seguinte, elle já sabia, eram sete dollars e meio pr'alli... E abria o bolso direito do colhete como se estivesse recebendo, adeantadas, as moedas salvadoras do trabalho de um dia. O velho olhou-o fixamente com um odio terrivel — e inexoravel, furibundo, explodiu numa nova tempestade. Não emprestava nada, não senhor! Em primeiro logar porque não tinha cincoenta centavos, não tinha nem vinte com que tomar uma chicara de café — mas nem que os tivesse lh'os emprestaria! Ah! como elle estava experimentado! Que fosse lavar pratos, que fosse lamber sabão, que fosse ás favas com aquelle bigodinho compromettedor, com aquelle bigodinho immoral... E terminou reduzindo o pobre bigode de desgraçado a uma insignificancia desprezivel e mal cheirosa — sob gargalhadas da assistencia...

Mal havia o Ministro de Estado desabafado sua ira e todas as vistas voltaram-se para um rapaz que acabava de entrar no **lobby**. Era um moço de boa apparencia, limpo, escanhoado, decente, que tivera um dia de trabalho. Cumprimentou o grupo sorrindo, curvado até o tapete, numa momice que ninguem achou graça. Depois atirando o chapéo para a nuca garantiu que ia jantar. Todos correram para elle! Como — então elle ia jantar?

O miseravel queria torturar aquelles estomagos; e com voz meliflua começou a ennumerar os pratos que iam ser recebidos "neste salão" — e apontava o estomago apertado até o ultimo furo da cinta preta: uma costellinha de vitella, em seguida uma empadinha de camarão, talvez um churrasco, talvez mesmo uma asinha de gallinha... E antes que um diluvio de pedidos lhe inutillizasse o banquete a que se preparava — abalou para a rua, saltitando e fazendo toda a sorte de macaquice.

O Ministro de Estado atirou-se para o sofá. O francezinho de bigodes começou a historia as canalhices daquelle safardana que lá ia jantar, feliz e satisfeito! Elle não se importava, affirmava serio, não tinha inveja; mas não podia sentir o mau cheiro de um ingrato! Ah! isso é que não! Quantas e quantas vezes soccorrera aquella bisca, elle, elle mesmo! Quantas vezes não fôra em seu auxilio para isto ou pr'aquillo, como amigo, como irmão, como besta quadrada que era! E agora, agora que uma demonstração de reconhecimento deveria partir daquella alma de aço — era aquillo que recebia, a resposta da ironia, da desfarçatez, do semvergonhismo!

Ninguem ouvia o sermão. O rapazinho doente affirmou que Hollywood era um inferno, um degredo, uma penitenciaria de negros... E ia ennumerando as desvantagens do meio, as inconveniencias daquella vida martyrizada e inutil — quando a loira do corredor cantou um nome:

— Mister Morton!

Todos fitaram um dos **bandidos** que saltou do sofá e voou para o telephone acompanhado por todo o grupo. Aquillo devia ser chamado de algum studio, cousa muito importante, talvez uma noite de trabalho garantido... E era mesmo; uma "parte" na Paramount, com George Bancroft em "As mulheres amam os brutos". Dois dias de trabalho, alli, no papo! O outro typo que tambem fazia papeis de bandido, desesperado ao ver a preferencia com que os studios distinguiam o rival, não se conteve e começou a discutir. Aquillo é que elle chamava protecção, favoritismo escandaloso — escolhel-o quando podiam contar com elle, elle que mais do que ninguem era a figura viva do "bandido", do homem féra... O outro não tinha palpas na lingua e antes que o despeito fosse muito adeante com liberdades, acceitou a discussão.

Era de fazer rir e chorar, ao mesmo tempo, ouvir-se aquelles dois gigantes porfiando-se para vêr quem era mais "typo", mais horrivel, mais deformado do que o outro. O que attendia pelo nome de Morton arrastou o outro para um grande espelho da sala e começou a mostrar, um a um, os traços horriveis do seu rosto medonho:

— Vê se tu tens este nariz, seu pedaço de asno, assim deste tamanho; e estes olhos, com esta brecha aqui; e este maxilar deslocado que produz um grande effeito; e esta bocca...

O outro não se convencia, protestava, erguia a voz, enraivecido e despeitado. A cada defeito physico que o concorrente apontava, sorria, contrafeito, dizendo que o Morton era uma pomba perto delle, uma bellezinha, um encanto que nem ás crianças mettia medo...

Quando o Ministro de Estado percebeu que mais um minuto de discussão e aquelles brutos se atracariam — entrou na contenda. Deu razão aos dois: os dois eram feios, os dois eram repugnantes, horriveis

(Termina no fim da revista).

Affonso XIII, rei da Hespanha

(Desenho de Alvarus)

de Elegancia

H A presentemente na Europa um excesso de dezoito milhões de mulheres".

Sobre isso cahiram-me, ha pouco, os olhos. E logo a mim mesma perguntei se a notticia seria de alegrar ou de entristecer ás pessoas que lêem esta secção.

Antes, porém, que pudesse tentar a resposta, vejo surgir do tinteiro e estender-me a lingua numa careta escarninha estoutra interrogação: Haverá mesmo quem a leia?

Aqui a meada é mais facil de destrinçar: ha, sim — o revisor, por dever de officio; eu, por motivo que não preciso confessar; e alguem de mau gosto.

Mas, logo, ahi se dá com uma pequena amostra de como tudo está ligado, entrançado, entrozado.

- Toca-se numa roda, por pequena que seja, e logo as outras soffrem o effeito daquelle toque.

E' a phylosophia do Jacintho na primeira noite da serra, em sua quinta portugueza: "quando eu bato uma patada no soalho de Tormes, além o monstruoso Saturno estremece, e esse estremecimento percorre o inteiro Universo."

Não me perguntes, leitora querida, tu que deves ser aquelle alguem de mau gosto, não me perguntes por tudo isso. Fôra talvez melhor, acredito, dizer, châmente, que palavra puxa palavra. Talvez...

Não sei. O que sei é que de Tormes a Saturno a caminhada é grande, e que "tudo que acontece, acontece necessariamente".

Sei mais, portanto, que a nossa foi menor, e que só agora posso voltar ao ponto do desvio.

Será vantajoso ou não o crescimento do numero das mulheres?

Conforme. E' prudente não se fiar a gente em apparencias. Toda medalha tem duas faces. E essa que examinamos, se apresenta de um lado a quantidade, traz no outro a qualidade.

Isto não parece bem claro. Explico-me pois.

Nada escapa á lei da concurrencia: se augmenta a offerta, diminue a procura, e dahi a desvalorização.

Assim não vae; ainda fica mais obscuro o meu pensamento. Qualidade e valorização não são synonimos. Logo...

Logo, outra devêra ser a explicação: uma, por exemplo, que se baseasse no facto de olharem os caixeiros de confeitaria, com fastio, para os bons-bocados; mas desisto. E' claro que não acerto. Nada me acode que preste.

Salto, então, para a certeza de que os homens não ficam de melhor partido. Se o "facto", o daquelle "excesso", no dizer da noticia, "suggeriu aos sociologos mais avançados a idéa da readopção da polygamia numa proporção de tres mulheres para cada homem", isso já constitue grave ameaça de serem elles (os homens e não os sociologos) transformados em caixeiros de confeitaria.

Como é que pertendem, porém, esses "sociologos avançados" remover o mal da "curiosa desproporção da natalidade", por elles estudada?

Julgam que o aproveitamento das que elles chamam de "superfluas" — mas sem, ao menos, ouvil-as quanto á justeza do epitheto — poderá, por meio da "readopção da polygamia", corrigir "um capricho da reproducção racial" notado "a partir da grande guerra".

Parece que os "sociologos avançados" avançaram demais.

Por certo que um artigo de codigo civil nunca ha de poder mudar o rumo áquelle "capricho". Modificar, por decreto, o phenomeno seria exaggeradissima e inconcebivel distensão do raio da esphera legislativa.

A do codigo é uma das hypotheses. Outra, é que nas "superfluas" é que reside a capacidade de elevação do indice da natalidade masculina.

Mas que inducção os levou a concluir assim?

Diga-o quem puder, porque eu posso, apenas, dizer que tambem os sociologos falam algumas vezes por palpite.

O que se deduz, porém, é que, se as "superfluas" não tiverem aquella capacidade, o coeficiente da natalidade feminina, na mais favoravel conjectura, conservar-se-á em alta e, na mais razoavel, crescerá. E, então, lá se vae tudo quanto Martha fiou, e com isso a formula 3 para 1, que tambem pode ser 1 para 3, conforme o ponto de vista.

Felizmente, em cento e cincoenta annos é que calculam "os sociologos avançados" o prazo dentro do qual será "inevitavel" o emprego dessa formula. E até lá não nos dóa a cabeça, não nos dóa a canela.

Nem tudo, porém, são espinhos na vida. Ha tambem flores e frutos. Agora nesta epoca de voto feminino e consequente elegibilidade bem pode a desproporção notada servir para que a mulher afaste o homem de todas as posições politicas. E' consequencia da desproporção numerica.

Isto não viram os "sociologos avançados" mas podes vêr tu, paciente leitora, se preferes esta face da medalha, ou não ver nada disso se te apraz occupar melhor o teu tempo com o que vae a seguir.

. . . . . .

Nesta epoca de economia forçada, as fazendas tintas pelo colorante "Indanthren" são as unicas que supportam a claridade do sol, não mancham com os respingos da chuva, resistem ás constantes lavagens.

E taes tecidos são: os de algodão, os de linho e de seda vegetal, a preferida, aliás, nos vestidos modernos.

. . . .

Os figurinos: cinco vestidos de baile — o primeiro, de crêpe romano, feito para miss Europa 1931; o segundo, de "Georgette" verde, corpo todo trabalhado em pregas "religieuses", o terceiro de musselina de seda preta, fichú e barra de renda preta; o outro, de musselina branca, saia de pregas chatas; e o quinto, feito para miss Belgica 1931, é de setim rosa, saia de dois babados em fórma, na blusa, largo decote.

Mais: um vestido para "cocktail", comprido pelos tornozellos, e tres para "trotter"; alguns chapeus, alguns "ensembles" de linha discreta, luvas modernas, e modernos penteados cujos figurinos consegui na "Casa Eritis".

SORCIÈRE

Qual será o meu futuro?

Um serviço perfeito de cartomancia, absolutamente gratuito, aos leitores de "Para todos..."

Mappa onde têm de ser escriptos os valores das cartas, conforme ficarem sobre a mesa, e depois recortado e enviado á redacção de "Para todos..." com o pseudonymo ou nome do consulente e localidade de onde vem.

N. 931 — FLOR DE LOTUS (Santos) — Vejo no futuro dinheiros grandes e um acontecimento feliz e inesperado, porém não já. Vejo tambem doença grave e demorada em alguem da vossa familia que vos quer muito. Uma falsa amiga vos atraiçoará com ciumes.

N. 914 — ARNALDO F. BARROS (Jahú) — Vejo grandes intrigas feitas por uma mulher que vos ama em segredo e pensa que o mesmo vos succede. Um verdadeiro amigo está ao vosso lado e um outro falso que procura sempre inimizar-vos disfarçadamente.

N. 915 — CARIOQUINHA (?) — Um homem deseja vossa felicidade e um outro vos é completamente indifferente, porém a quem o vosso coração reclama. Sereis feliz futuramente, mas não com quem pensaes. Tereis ainda uma grande paixão que vos deixará doente e amofinada.

N. 916 — MARISITA — A pessoa em que pensaes vos é leal. Ha, porém, um rival que faz enredos, porém não conseguirá afastal-a. Uma mulher má e faladora porá muitos obstaculos ao vosso futuro, porém uma creança vos ajudará a conseguir a victoria. Seguiu carta para o endereço que enviastes.

N. 917 — REVOLUCIONARIA (S. Paulo) — Recebereis breve um presente de uma mulher que vos quer mal e que está ao lado de uma outra mulher que calmamente desvendará todo o mysterio e vos tornará feliz. Vejo ainda um matrimonio que não terá muitas venturas, mas será bem acceito.

N. 918 — VINICIUS (Piauhy) — Sabereis brevemente de algumas novidades que muito vos aborrecerão. Haverá uma grande paixão inspirada por vós e que muito fará soffrer a joven apaixonada. Fora de casa haverá um banquete e tereis convite. Ireis receber um mimo de amor. Sereis bem succedido no que pretendeis.

N. 919 — MITSI (Nictheroy) — Vejo leviandade nessa casa e seducção. Haverá uma doença de certa pessoa intima e que terá alguma gravidade, porém não haverá desenlace. Brevemente um homem que se occupa de vós offerecerá algumas vantagens as quaes acceitareis.

N. 920 — UMA REVOLUCIONARIA (Rio de Janeiro) — Haverá melhoria de posição e felicidades futuras e inesperadas. Recebereis uma carta com novidades que vos trarão constrangimentos. Recebereis dinheiro de alguem que pensa muito em vós. Haverá breve um matrimonio feliz.

N. 921 — VERA (Est. Freguezia) — Vejo uma questão no fôro. Um homem de negocios ao vosso lado num banquete. Boas palavras de um homem que vos estima e considera. Uma rival desviará vossa correspondencia vos indispondo com o vossso noivo ou namorado.

N. 922 — NETRANO (Rio) — A caminhos vagarosos virão desgostos a um homem de negocios. Um constrangimento, mais desgostos e intrigas. Uma vizinha muito intrigante procura o vosso mal fingindo-se muito boa. Breve um homem de bem vos trará boas novas e algumas felicidades.

Dama de ouros	3 de copas	az de espadas	5 de páus	Valete de copas
6 de páus	Rei de copas	2 de ouros	Dama de espadas	etc etc

Modelo como terá de ser preenchido o mappa

O ASSASSINO
(F I M)

decidir, tambem, o seu destino. Assim, o golpe que vibrarei resolverá dois destinos, duas vidas. Uma vae ser sacrificada em beneficio da outra. A morte de um homem aproveita a muitos, porque é um competidor a menos. Estou absolutamente calmo. A minha lucidez é absoluta. Sei que vou matar um amigo, que apagar uma vida, que vou paralyzar para sempre um cerebro que é um laboratorio de idéas. E, comtudo, não tremo Nunca estive tão calmo". Decidiu-se: escolheu o ponto onde devia bater a pancada. Levantou o braço e, subito, descarregou formidavel golpe na cabeça do amigo. Este soltou um debil gemido, quiz revirar-se, fez um carêta e immobilizou-se. Era a immobilidade definitiva. As paredes do craneo tinham cedido; a massa encephalica emergiu, rutila. Lauro esperou até que se convenceu de que sua victima morrera: "Matei: sou um assassino: um golpe só bastou, como eu queria. Ainda bem. Eu teria repugnancia em dar outras pancadas. Agora é preciso não perder a calma. Os outros criminosos se perdem porque não têm calma, precipitam-se. Eu, não. Estou absolutamente tranquillo. Que faço da estatueta? E' melhor deixar sobre a cama". Deixou a estatueta sobre a cama e correu para a maleta. "Levarei tudo. Tudo, não. Para não denunciar o roubo, convem deixar, por exemplo, um conto de réis no paletot de Raphael". Abriu a mala, tirou o dinheiro, encheu os bolsos de cedulas. Ao todo 29 contos, isto é, 58 cedulas de 500$000. Introduziu um conto de réis no paletot do morto. E ficou no meio do quarto, hesitante: "Agora vou sahir. E' indispensavel não fazer barulho. Esqueci-me de ver se os sapatos estão sujos de sangue. Não. E a roupa? Não. E as mãos? Não, tambem. Estou limpo de sangue. Bem. Não deixarei vestigio". Sahiu. Fechou a porta com extremo cuidado, desceu as escadas sem fazer ruido. Viu-se por fim, na rua. Olhou ao redor: "Nada. Ninguem me viu. Estou salvo!"

Noite seguinte á do crime. Estava na sua nova residencia, um quarto infecto de pensão. As janellas abertas, deixavam ver a noite, o esplendor do azul, a maravilha do luar. No jardim do predio do lado, as rosas brilhavam como ninhos de estrellas.

Sentia no cerebro como que um sol, inclemente, pavoroso. Parecia arder em febre. E, no emtanto, os seus pulsos estavam gelados. O sangue fervia-lhe, impetuoso, nas veias. O coração ladrava, no peito, como um lobo. A respiração era ruidosa e ardente. Terrivel aquella febre que thermometro algum podia alcançar! "Oh, tenho lavas no cerebro! Será remorço? Não. Não pode ser remorso. Fui obrigado a matar, para não morrer

O certo é que estou rico, ás portas do triumpho!"

Ouviu os pregões do jardineiro. Chamou-o, ansioso por saber o que os jornaes diriam e em que ponto se achavam as investigações policiaes. Não lera os diarios matutinos. Comprou todos os jornaes e encerrou-se no quarto. O primeiro que abriu trazia uma vasta noticia na primeira pagina. Começou a ler com avidez. E, máo grado a sua inquietação, não poude deixar de sorrir ante as conjecturas idiotas, as hypotheses doidas do reporter. Mas, de repente, ficou intensamente pallido, teve um ameaço de vertigem. Leu e releu a tal noticia que o empolgara assim. Tornou a ler. Procurou os outros jornaes. E em todos exactamente a mesma noticia, apenas com a differença de virgulas e palavras. Não havia duvidas! Era a catastrophe!

Levantou-se, agitado, tiritante, approximou-se da janella, olhou a rua. Meditou. Depois, num subito e colossal desespero, trepou na janella, gesticulando um momento e lançou-se no espaço. Veiu rebentar o craneo na calçada.

Eis a noticia que o commovera a esse ponto:

"...no **paletot** do assassinado, a policia encontrou duas cedulas falsas de quinhentos mil réis. A victima era um falsario, na pista do qual já andava a policia!"

NELSON RODRIGUES

SACCOS VAZIOS

(F I M)

deformados e tudo quanto quizessem. Mas se queriam brigar que fossem p'ro meio da rua. Ali não senhor: Que se comessem, que se arrebentassem — mas lá fóra, ao ar livre... Ora, não faltava mais nada!

Os dois gigantes entreolharam-se com odio e ficaram mudos. A saia tomou, novamente, o aspecto funebre que eu conhecia, todos estirados em suas poltronas, sem uma palavra, absortos em sonhos infantis de jantares opiparos, ao som apaixonado de uma canção dolente.

Acabada a cantiga o annunciador do radio começou a contar, na sua voz de baritono de opera allemã, o que significava a palavra "Swift", o presunto mais delicioso do mundo, uma delicia que derrete na bocca, carne-sorvete com que os anjos fazem **sandwiches** e cujo preço infimo está ao alcance da bolsa mais modesta... O Ministro de Estado comprehendeu a ironia daquelle annuncio innocente e fechou o radio com um gesto de repugnancia.

E emquanto todos cabeceavam em suas poltronas, uns de somno, outros de fraqueza — o sujeito que fôra jantar regressava, palitando os dentes ruidosamente e contando em voz alta o que fôra a "festa" e como lhe soube a tenra asinha de gallinha que aquelles dentes trincaram havia um momento.

Hollywood, Novembro, 1930

As tintas para cabellos e alguns conselhos por A. DORET

Raras são as tintas para cabellos que satisfazem quem as emprega. Nem sempre são inoffensivas.

Outra tintura fica esverdeada no fim de poucos dias, tal outra 'uma no cabello a côr de vinho tinto, bastante desagradavel aos olhos; esta é preta demais, resecca o cabello, alisa o que é ondeado, faz mais velha a pessoa que a emprega, dá á physionomia um ar severo e triste ao mesmo tempo.

Trinta annos de experiencia, de estudos, de applicação deram-me uma certa autoridade para falar nisso.

Nenhuma casa de cabelleireiro, em qualquer paiz que fosse, quer na Europa ou na America, attingiu o grão de perfeição ao da casa Doret; tenho no meu estabelecimento clientes de todas as nacionalidades que attestariam a superioridade de meus methodos de tingir os cabellos, garantindo a innocuidade absoluta de meus productos. A's pessoas que não possam vir ao meu estabelecimento, ás pessoas longe do Rio de Janeiro, recommendo nunca tingirem os cabellos de preto; é melhor acastanhal-os que colorir o branco de preto. Isso, além de ser mais natural, mais facil será, mais hygienico.

Recommendo a todos o fluido Doret para acastanhar ou alourar o cabello, este producto é dez vezes menos forte que a agua oxygenada, não queima os cabellos e é um excellente desinfectante.

Para recoloração do cabello branco empregae o meu Henné, pure Doret, para obter o louro bastará apenas 5 a 10 minutos de applicação, para o bronzeado ½ hora, para acajou escuro, uma hora e meia.

As pessoas que querem escurecer os cabellos para castanho escuro devem empregar o Tonico Déesse n. 12.

Para qualquer caso particular é bom consultar A. Doret e seguir seus conselhs é uma garantia de bom exito.

A Casa A. Doret recommenda suas manicures, seus productos imcomparaveis para a belleza da pelle e cabellos, seus modelos de penteados, estudados para cada pessoa, os cabelleireiros da casa Doret **são verdadeiros artistas**. Ondulação permanente, Marcel, Misemplis, Soins de Beaute.

A. DORET cabelleireiro — Rua Alcindo Guanabara n. 5-A — Telephone 2-2431 — Rio de Janeiro

Dr. Adolpho Bahia de Mendonça

Attesto que tenho empregado na minha clinica o depurativo **ELIXIR de NOGUEIRA** do pharmaceutico chimico JOÃO DA SILVA SILVEIRA, observei as suas propriedades curativas, maravilhosas nas diversas manifestações da syphilis.

Bahia, 9 de Janeiro de 1926.

Dr. Adolpho Bahia de Mendonça

(Medico pela Faculdade da Bahia)

O reapparecimento da "Justiça"

Com linda capa em côres recebemos o 1º numero do 2º anno do magazine-jornal "Justiça", editado nesta capital.

Este numero apresenta-se com extensa secção feminina e pelo lar, trabalhos literarios, sciencias domesticas, erudita secção medica-chimica, vibrantes criticas de actualidade, interessante trabalho sobre nivelamento de preços e da moeda, variada secção em inglez e hespanhol, homenagem aos proceres da revolução, o cambio por aeroplano, a divida do Brasil, o Brasil economico, financeiro, commercial e industrial, a agricultura, lavoura, fruticultura, creação, etc.

Gratos pelo exemplar.

CINEARTE — uma revista exclusivamente cinematographica, impressa pelo mais moderno processo graphico e a unica que mantem em Hollywood redactores permanentes.

O apartamento azul

(F I M)

morel impacienta-se. Ha um silencio. E logo a seguir "Tiempos viejos" surge na victrola, e elle diz baixinho, muito feliz) — Consuelo... Toda uma felicidade... **(e aos poucos, com um sorriso nos labios, vae dormindo).**

A ENFERMEIRA **(abre a porta, olha e diz para fóra)** — Já está dormindo...

CONSUELO **(pé ante pé, num esforço para não dar liberdade ao seu espanto)** — E' elle mesmo! Bem que eu desconfiei, quando a Sra. telephonou! Elle está melhor, irmã? Está? Não vae morrer, não?

A ENFERMEIRA — Não...

CONSUELO **(enxugando as lagrimas que começam a cahir dos seus olhos)** — Posso acordal-o, irmã?

A ENFERMEIRA — Não... é prohibido...

CONSUELO — Posso cantar bem baixinho, perto delle, o tango que elle pediu?

A ENFERMEIRA **(num grande contentamento)** — Bem baixinho?

CONSUELO — Bem baixinho!

A ENFERMEIRA — Póde!

CONSUELO **(abraçando-a)** — A Sra. é uma santa! **(approxima-se da cabeceira, chorando de alegria, e começa a cantar, ao som distante do disco, o tango.**

E O PANNO VAE CAHINDO DEVAGAR)

SALÃO DE VISITAS LUIZ XV

DE FINO LAQUÉ OU OURO DE LEI
COM LINDAS ESCULPTURAS

HORS CONCOURS NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1922

65-RUA DA CARIOCA-67-RIO

VISITE AS NOSSAS GRANDES EXPOSIÇÕES

SALÃO DE VISITAS LUIZ XVI